

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**LORENZO MATTEI BUSANELLO**

**PATRIOTISMO EM ÉPOCA DE COPA DO MUNDO DE FUTEBOL**

**FLORIANÓPOLIS  
JULHO DE 2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE DESPORTOS**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Patriotismo em época de Copa do Mundo de Futebol**

**Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física pelo Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do Título de Licenciado.**

**Orientador: Prof. Ms. Carlos Luiz Cardoso.**

**FLORIANÓPOLIS, JULHO DE 2010**

LORENZO MATTEI BUSANELLO

**PATRIOTISMO EM ÉPOCA DE COPA DO MUNDO DE FUTEBOL**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado com nota \_\_\_\_, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado no Curso de Licenciatura em Educação Física, do Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, pela seguinte banca examinadora:

---

Prof. Ms. Carlos Luiz Cardoso – Orientador  
Centro de Desportos - UFSC

---

Prof. Ms. Adilson André Martins Monte – Membro  
Centro de Desportos - UFSC

---

Prof. Pablo Adolfo Canhetti Postigo da Silveira - Membro

Florianópolis, Julho de 2010

## **AGRADECIMENTOS**

Queria agradecer a DEUS por ter me dado forças durante toda essa caminhada acadêmica, e ter iluminado meus passos para que pudesse seguir adiante.

Agradecer principalmente aos meus PAIS, que são a minha base para tudo, por estarem sempre ao meu lado em todos os momentos da minha vida, por terem me incentivado e também puxado minha orelha em determinadas situações, e hoje essa minha grande vitória é para eles uma imensa vitória, pois são os responsáveis por eu ter chego até aqui. Dificuldades enfrentamos, e hoje juntos sorrimos por mais essa conquista. Foi ainda um pequeno passo, muitos outros ainda virão, e sei que sempre eles estarão ao meu lado.

Aos meus IRMÃOS, junto com meus PAIS, que me ajudaram e muito nessa trajetória, e gostaria de dividir esse momento com vocês, pois juntos somos uma família unida e forte, que tudo pode quando permanece unida.

A minha namorada, NAIARA, que me apoiou e incentivou, dando carinho, amor, compreensão e dedicação em todos esses nossos anos de namoro.

Aos meus queridos professores que me ajudaram ao longo dessa jornada acadêmica, principalmente o Prof. CARDOSO que além de ser meu orientador foi também um grande amigo, me ajudando a superar todas as dificuldades encontradas (afinal foram quaaaaaaatros anos não é?!). Ao Prof. ADILSON, grande amigo durante toda a facul, por ter aceitado estar na banca e me ajudar nessa caminhada.

Aos meus amigos/irmãos dos PINDONGA'S, que fazem parte da minha família, e estão sempre ao meu lado em muitos momentos da minha vida, apoiando, ajudando, e que em muitas vezes foram o conforto quando longe da família. Em especial ao meu amigo PABLO ADOLFO, que desde a primeira fase da facul nos tornamos grandes amigos e sempre esteve presente nessa minha caminhada acadêmica.

A todos vocês o meu muito obrigado!

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	6
<b>1. INTRODUÇÃO</b>	
<i>1.1 JUSTIFICATIVA, DELIMITAÇÃO E RELEVÂNCIA DO PROBLEMA</i> .....	7
<b>2. ELEMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS</b>	
<b>2.1 ABORDAGEM TEÓRICA</b> .....	14
<i>2.1.1 FUTEBOL NO BRASIL</i> .....	15
<i>2.1.2 O BRASIL NAS COPAS DO MUNDO DE FUTEBOL</i> .....	21
<i>2.1.3 PATRIOTISMO NO FUTEBOL</i> .....	31
<i>2.1.4 EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE</i> .....	33
<b>2.2 ABORDAGEM METODOLÓGICA</b>	
<i>2.2.1 TIPO DE ESTUDO, NATUREZA E POPULAÇÃO</i> .....	37
<i>2.2.2 COLETA E ANÁLISE DE DADOS</i> .....	38
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
<b>5. REFERÊNCIAS</b> .....	46
<b>4. ANEXOS</b>	
<i>4.1 QUESTIONÁRIO</i> .....	48

## RESUMO

O futebol é o esporte mais praticado no mundo, tem um grande impacto hoje no país, é um esporte massificado e popular que mexe com emoção de cada brasileiro, até os mais relutantes contra esse esporte se rende. Essa emoção é ainda maior quando se trata do principal evento de futebol, a Copa do Mundo. Realizado de quatro em quatro anos, a Copa mexe com todo o mundo, e aqui no Brasil esse sentimento fica ainda mais forte, podemos observar nas ruas a reação do povo, no comércio, meios de comunicação, o envolvimento com esse grande evento. Esse sentimento que falamos é o Patriotismo, que aparece somente nessa época. O intuito desse trabalho é de saber qual a visão dos estudantes do curso de Educação Física da UFSC, acerca desse “patriotismo de Copa”, realizando uma pesquisa com os alunos e relatando as suas experiências ao longo das Copas que viram. Descrevendo os resultados obtidos no trabalho, os alunos afirmam que o brasileiro é sim patriota somente em Copa do Mundo, e as principais razões para esse fenômeno social são a mídia e a identificação com os jogadores que estão jogando o campeonato.

**Palavras-chaves:** patriotismo, Copa do Mundo, futebol, patriota.

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 JUSTIFICATIVA, DELIMITAÇÃO E RELEVÂNCIA DO PROBLEMA

Para falar de patriotismo em épocas de Copa do Mundo de Futebol, primeiramente temos que partir da definição do que é ser patriota. Segundo a enciclopédia WIKIPÉDIA patriotismo quer dizer: *é o sentimento de amor e devoção à pátria, aos seus símbolos bandeira, hino e brasão. Através de atitudes de devoção para com a sua pátria pode-se identificar um patriota.* Esse termo está diretamente ligado ao seu sinônimo, Nacionalismo, que é considerado uma ideologia fazendo com que as pessoas sejam patriotas.

O Nacionalismo surgiu na Europa pré-moderna e pós- medieval, em superação da produção e do consumo dos feudos pelo capitalismo. Essa ideologia veio como forma de revolução contra o domínio imperialista, onde a Igreja se aliou aos senhores feudais oprimindo os camponeses, onde mais tarde a burguesia industrial iria se sobressair sobre os senhores feudais. Com essa vitória dos burgueses esse nacionalismo é deixado de lado, quase que esquecido.

Esse sentimento ressurgiu após certo tempo nas colônias européias no chamado “Novo Mundo”, onde o nacionalismo revolucionário tem como principais figuras Simón Bolívar, Tupac Amaru, José Artigas entre outros. Na Europa esse o Nacionalismo aparece com força em países como Itália (Fascismo) e Alemanha (Nazismo), onde seus principais responsáveis querem mostrar a todo mundo que são raças superiores as demais. Isso fica mais forte quando Hitler propõe a supremacia da raça ariana, provocando o Holocausto.

Já no Brasil segue o mesmo modelo dos demais povos latinos, em que o nacionalismo é para se libertar do imperialismo europeu. Uma ação anticolonialista, onde homens se reuniam para tentar decidir e lutar contra os Países que só queriam explorar os povos latinos, dentre esses homens destacam-se Tiradentes (Inconfidência mineira), San Martin, Anita e Giuseppe Garibaldi.

No âmbito do esporte o Patriotismo/Nacionalismo se acentua ainda mais quando há competições que envolvam países. O de maior destaque sem dúvida é no futebol. Esse esporte que existem muitas versões para seu surgimento, onde as primeiras manifestações desse esporte surgiram entre 3.000 e 2.500 a. C. na China, onde os guerreiros costumavam chutar os crânios dos inimigos derrotados até que o mesmo ultrapassasse duas estacas cravadas no chão. Outra versão para o futebol é um jogo realizado na Grécia Antiga, século I a. C., o *epyskiros*<sup>1</sup>, onde jogavam duas equipes de nove a quinze jogadores, dependendo da dimensão do campo. A bola era feita de bexiga de boi e por dentro continha ar e areia, e o objetivo era arremessa-las para as metas que estavam no fundo dos lados do campo.

O *Harpastum* descendeu do jogo dos Gregos, era jogado no Império Romano em 200 a. C., servia como exercício militar onde uma partida poderia durar horas, era disputado em um campo retangular, dividido por uma linha central e duas linhas como meta. Com as invasões romanas esse jogo foi difundido por toda a Europa. Em Florença na Itália (1580), surge um jogo chamado *calcio fiorentino*. Esse jogo com bola já possuía regras, era apitado por dez juizes e não tinha limite de jogadores e o objetivo era impulsionar a bola, sendo com os pés ou com as mãos, para dentro de uma barraca localizada no fundo de cada campo. Ainda hoje a palavra *calcio* é usada para chamar futebol pelos italianos.

Os primeiros registros de um esporte que se assemelha ao futebol que conhecemos hoje vem dos territórios bretões em que um jogo durante a *Schrovetide* (espécie de Terça-feira Gorda), em que habitantes de várias cidades inglesas saíram à rua chutando uma bola de couro para comemorar a expulsão dos dinamarqueses. A bola simbolizava a cabeça de um invasor<sup>2</sup>. Esse esporte ficou conhecido como “esporte da massa” porque eram comuns pessoas se machucarem e até morrerem para obterem a bola. A partir de 1700 esse esporte começou a mudar, ganhando aspectos mais modernos, quando as escolas de *Covent Garden*, *Strand* e *Fleet Street* passaram a adotar o futebol como atividade física. Com a difusão do esporte entre os colégios do país, surgiu um problema, cada escola possuía a sua regra. Dentre essas regras duas tiveram destaque, uma que se jogava usando somente os pés e outra com os pés e as mãos, chamados de *football* e *rugby* respectivamente, isso por volta de 1846.

---

<sup>1</sup> A primeira referência ao *epyskiros* vem do livro *Sphairomachia*, de Homero, também a citações de jogos com bola na obra *Odisséia*.

<sup>2</sup> FITZTEPHE, Willian. *Descriptio Nobilissimae Civitatis Londinae*



O *Football* no ano de 1863, foi incorporado aos currículos das escolas e também em algumas universidades, como forma de dar vigor ao corpo, fibra ao espírito, rapidez ao raciocínio. O futebol foi utilizado como pedagogia das elites inglesas na medida em que sua prática ajudava a inculcar valores próprios daquela sociedade. (FRANCO JÚNIOR, 2007). No ano de 1848, numa conferência em Cambridge, estabeleceu-se um único código de regras para o futebol. No ano de 1871 foi criada a figura do guarda-redes (goleiro) que seria o único que poderia colocar as mãos na bola e deveria ficar próximo ao gol para evitar a entrada da bola. Em 1875, foi estabelecida a regra do tempo de 90 minutos e em 1891 foi estabelecido o pênalti, para punir a falta dentro da área. Somente em 1907 foi estabelecida a regra do impedimento.

O profissionalismo no futebol foi iniciado somente em 1885 e no ano seguinte seria criada, na Inglaterra, a *International Board*<sup>3</sup>, entidade cujo objetivo principal era estabelecer e mudar as regras do futebol quando necessário. Com o passar dos anos e a difusão desse esporte, ele deixou de ser um esporte de elite e teve grande aceitação entre os operários. Isso se deve ao imperialismo inglês, em cada lugar que seus representantes iam, levavam seus desportos, não somente o futebol. No Brasil o futebol teve seu início dessa forma.

Existem relatos que descrevem marinheiros ingleses jogando futebol nas praias do Rio de Janeiro pelos idos de 1872<sup>4</sup>, mas seu auge foi com Charles Miller que em 1894 retorna da Inglaterra após concluir seus estudos, trazendo dois uniformes, uma bola um livro de regras. A primeira partida realizada por Miller entre ingleses e brasileiros sócios do São Paulo Athletic Club e funcionários da São Paulo Railway Company. Houve muita resistência por parte dos jovens do Brasil para a prática desse esporte, que só foi vencida por haverem muitos ingleses morando no Brasil. No início o futebol aqui no país, assim como na Inglaterra, era somente praticado pela elite, sendo vetada a participação de negros. “Para praticar futebol amador devia-se comprovar ser rico, possuir fortuna e não precisar trabalhar ou ter emprego fixo”. (CAPELA 1996).

Essa resistência as demais classes vai acabando com a industrialização que chega ao Brasil, aonde muitos operários e trabalhadores vão gostando desse esporte cada vez mais difundido no país. Aos poucos os negros e operários já estão entre os elitistas disputando partidas de futebol. “Driblando com engenho e arte todas as interdições, por meio da várzea, das peladas e da periferia, pretos, mulatos e brancos pobres engendraram

---

<sup>3</sup> Essa entidade ainda funciona nos dias de hoje, sendo filiada a FIFA.

<sup>4</sup> RAMOS, Roberto. Futebol: ideologia do poder. Petrópolis: Vozes, 1984. pp. 26-27.

uma posição firme e marcante historicamente: a da apropriação e da inversão do código vigente, isto é, a *popularização e democratização* do futebol”. (MURAD, 1996) Mas esse processo não se deu cordialmente, foi com muita luta dentro do contexto político e de confrontos entre grupos sociais contrários.

No dia 1 de maio de 1904 é realizado o primeiro jogo oficial entre seleções, França e Bélgica, nessa data os secretários das respectivas associações se reuniram para debater o assunto de criar uma entidade máxima. Em 1904 surge então a FIFA<sup>5</sup>, entidade que passaria a comandar o futebol que hoje conhecemos. Em um primeiro momento, a *International Board* se opôs a essa criação se recusando a adesão. Mas as demais Associações seguiram e criaram a entidade que tinha como seu primeiro estatuto os seguintes assuntos: reconhecimento mútuo e exclusivo das Associações nacionais presentes e representadas; a proibição de que clubes e jogadores jogassem ao mesmo tempo para diferentes Associações nacionais; organização de partidas com base nas regras de jogo da *Football Association LTD*. Nesses dias pensaram em organizar uma competição internacional de grande porte e que a *FIFA* seria o único órgão a organizar tal evento. Essas disposições entraram em vigor no dia 1 de setembro de 1904.

A primeira competição realizada pela *FIFA* foi administrar a parte do futebol nos Jogos Olímpicos de 1908 em Londres, a organização desses jogos foi difícil por ser um esporte desconhecido, foi visto com receio e era mais considerado espetáculo do que competição. Mas a idéia de organizar uma grande competição internacional seguia viva na Federação. Congressos eram realizados anualmente para discussões de regras universais para o jogo e alimentar o sonho da grande competição. Em 1914 o então presidente da *FIFA*, Jules Rimet aprovou o seguinte decreto: “*Baixo a condição de que o Torneio Olímpico de futebol se organize em concordância com o regulamento da FIFA, a competição será reconhecida como Campeonato Mundial de Aficionados.*” O torneio foi um sucesso.

Em 1928 o Comitê Executivo da *FIFA* em um congresso na cidade de Zurique<sup>6</sup>, decidiu que era hora de criar seu próprio mundial, os membros Associados receberam questionários perguntando se estavam de acordo com a realização dessa competição. Faltava escolher quem iria ser o anfitrião dessa grandiosa competição. Hungria, Itália, Espanha, Suécia e Uruguai estavam concorrendo ao cargo, sendo que os Uruguaios tinham

---

<sup>5</sup> A Federação Internacional de Associados de Futebol, fundada no dia 21 de maio de 1904, pelos países França, Bélgica, Dinamarca, Países Baixos, Espanha, Suécia e Suíça.

<sup>6</sup> Cidade em que se situa a atual sede da FIFA.

a vantagem por serem bicampeões olímpicos<sup>7</sup> e comemoravam em 1930 o centenário da sua independência. Em 1924 no congresso de Barcelona o Uruguai foi nomeado como organizador da 1ª Copa do Mundo de Futebol.

No dia 13 de Julio de 1930 deu-se o inicio da Copa do Mundo do Uruguai com a participação de 13 Seleções, sendo que a equipe da casa sagrou-se campeã derrotando os Argentinos na final. No congresso de 1930 em Budapeste (Hungria) o Uruguai foi felicitado pelo título, mas também por realizar a Primeira Copa do Mundo de Futebol, e que seria decidido que o próximo seria a quatro anos depois, com sede na Itália.

O Brasil único país a disputar todos os Mundiais, viu como forma de enaltecer sua grandeza através dessa competição, elevar o nome a um patamar de superioridade. Não é atoa que Nelson Rodrigues intitula nosso país como “*a pátria em chuteiras*” fazendo alusão ao nosso patriotismo somente em jogos da nossa Seleção. Dizem que futebol e política andam lado a lado, e por isso Epiácio Pessoa<sup>8</sup> foi um dos primeiros a ver o potencial que nossa Seleção possuía em diplomacia. Um grande exemplo dessa atitude foi o Tri campeonato mundial em 1970, o então presidente Emiliano Médici era torcedor confesso, após a Copa forçou o então presidente da CBD<sup>9</sup> João Havelange a renunciar o cargo para então assumir seu amigo e colega de partido Almirante Heleno de Barros Nunes. A partir daí os clubes que participavam do Campeonato Brasileiro eram indicados pela CBD e não por critério técnico.

O futebol tem um grande impacto hoje no país, é um esporte massificado e popular que mexe com emoção de cada brasileiro, até os mais relutantes contra esse esporte se rende. Christian Gurtner diz que: *Torcer sempre fez parte da cultura mundial. Sempre houve disputas esportivas ou hostis entre tribos, cidades, países, bairros. E sempre existiu e ainda existem os que abraçaram a causa, os que vêem a dignidade e justiça de seu “território” em jogo. É o instinto humano.*

Para tentar determinar se esse patriotismo é mesmo somente em Copa do Mundo de Futebol vou realizar esse trabalho. Pesquisa é a investigação pela qual se elaboram explicações consistentes e justificadas de “fatos do mundo”. (GONZALEZ E FENSTERSEIFER, 2005). Esse fato está num contexto muito amplo de conhecimento, que é considerado a pergunta-problema de pesquisa, “somos patriotas somente em época de

---

<sup>7</sup> Campeões dos Jogos Olímpicos de Paris (1924) e Amsterdã (1928).

<sup>8</sup> Presidente do Brasil de 1919 a 1922.

<sup>9</sup> Confederação Brasileira de Desportos, atualmente CBF (Confederação Brasileira de Futebol), criada em 1980 a partir do desmembramento da CBD.

*Copa do mundo, ou melhor, quais as representações sociais dos estudantes do Curso de Educação Física acerca de "ser patriota" apenas durante a copa do Mundo de Futebol?*

A partir dessa pergunta inicial ou pergunta problema surgem novas perguntas, que são consideradas secundárias. *O objetivo geral dessa pesquisa é de identificar se o patriotismo só acontece na época de Copa do Mundo de Futebol na visão dos estudantes do curso de educação física do CDS<sup>10</sup>*. Oriundas desta “pergunta de partida” ou “pergunta-hipótese geral”, surgem às seguintes “questões de pesquisa”: A cada quatro anos somos patriotas? Ou somos patriotas sempre? Por que não vemos bandeiras brasileiras hasteadas em dias normais? Sabemos bem ao certo o hino nacional? Será que os jogadores que estão lá na Copa são patriotas ou para eles é apenas mais um jogo?

Ainda que aqui neste anteprojeto não seja o espaço para respostas às perguntas levantadas, talvez seja o caso, a guisa de reflexão provisória, deixar como reflexão a seguinte citação:

*“Os jogadores são os representantes do Brasil no exterior, e deles se espera o mesmo que da nação: coragem, disciplina e por cima de tudo patriotismo. Mas o mais importante é que o povo brasileiro via que estes representantes não eram estranhos; pelo contrário, haviam saído do seu interior: eram negros, mulatos, filhos de imigrantes, precisamente aqueles que conquistaram o futebol dos pés da elite para transformá-lo em uma das expressões populares mais fixas. Mais adiante a importância da ideologia nacionalista daquele momento, essa primeira identificação, do povo com seus jogadores e destes com a nação, foi fundamental para promover a coesão nacional em torno do futebol”. (FRANZINI, F. op. cit., p. 9).*

Cada uma dessas perguntas levantadas revela respostas que servem como problemas secundários. A de uma boa pergunta é ajudar o pesquisador a progredir em sua pesquisa. (LAVILLE, 1999).

Hoje necessitamos estar mais ligados no mundo atual, a educação não pode basear-se somente no senso comum, há uma necessidade do ser humano buscar mais conhecimento, ter uma melhor educação. Contudo nessa época de copa, vemos pessoas faltando ao trabalho, se embebedando no meio da tarde, no meio da semana, em exaltação e comemoração por ver o time brasileiro vencer uma partida de futebol. Talvez aí esteja o problema: “O futebol é o ópio do povo”, e assim, é o fator mais importante nas vidas vazias daqueles que, sem perspectiva, levam um campeonato de futebol como o que há de mais importante, uma questão de vida ou morte - e esses são uma parcela considerável, talvez a maioria dos brasileiros. (GURTNER, 2006).

---

<sup>10</sup> Local onde será realizada a presente pesquisa, o CDS fica nas dependências da Universidade Federal de Santa Catarina, serão pesquisados os alunos regularmente matriculados e cursando.

Todo esse sentimento de patriotismo exaltado é porque ganhamos a Copa, e quando se perde tudo que estava ruim no país piora de uma maneira que ninguém consegue determinar, mas todos têm uma única razão: é a Copa!! Grande senso comum. “E numa formação social como a nossa, marcada pelo antagonismo de classes, as relações entre senso comum e filosofia se travam na forma de luta – a luta hegemônica. Luta hegemônica significa precisamente: processo de desarticulação-rearticulação, isto é, trata-se de desarticular dos interesses dominantes aqueles elementos que estão articulados em torno deles, mas são inerentes à ideologia dominante e rearticulá-los em torno dos interesses populares, dando-lhes a consistência, a coesão e a coerência de uma concepção de mundo elaborada, vale dizer, de uma filosofia”. (SAVIANI, 2004). Essa citação tem grande fundamento se pensarmos que a formação social é a base para sustentar o conhecimento, saindo do senso comum e indo mais a fundo nos problemas relacionados, não com a perda da Copa, mas a realidade em que estamos inseridos.

Todas essas perguntas levantadas ao longo do trabalho são hipóteses ou objetivos secundários do pesquisador. Cabe ao mesmo tentar encontrar as suas respostas e levá-las a comunidade não com o intuito de mudar o mundo, mas de tentar encontrar soluções para os pequenos problemas, se cada um ler e refletir um pouco pode começar a mudar a realidade. Saviani diz que a construção do pensamento se daria, pois, da seguinte forma: parte-se do empírico, passa pelo abstrato e chega-se ao concreto<sup>11</sup>.

Mas não há como não reconhecer que o passatempo de poucos, esporte de elite, cresceria para ser uma instituição brasileira. Nenhum patriotismo tolo, nenhuma xenofobia descabida, nada disso deve ser confundido com a afirmação de que o futebol brasileiro chegaria ao fim do século como o que mais e melhor contribuiu para o encanto do jogo, o aperfeiçoamento de sua técnica, a elevação do esporte às dimensões de pura arte. (MÁXIMO, 1999).

Ao longo dos anos em que presenciei as Copas do Mundo de futebol notei que esse sentimento de patriotismo se redefinia conforme a Seleção de futebol iria naquela Copa em questão. Anos antes da competição o povo passa falando mal do País, que só tem problemas, que nossos governantes não estão preocupados com as necessidades do povo. Não se vê o patriotismo presente em lugar nenhum. Mas o tempo vai passando e chega à época da Copa. Percebia que o povo mudava completamente de atitude, pintam suas caras, redecoram as casas com as cores nacionais, bandeiras aparecem nas janelas de casas e

---

<sup>11</sup> Educação do senso – comum à consciência filosófica.

locais de trabalho. Se a seleção ganha a Copa o País pára, é considerado feriado nacional, jogadores são heróis, ruas ganham nomes dos atletas, os problemas acabam por alguns dias, meses. Caso perde-se a Copa, ou são eliminados antes do esperado todos os problemas aparecem com mais força, até problemas inexistentes aparecem. Observando tudo isso que decidi investigar o assunto, não em âmbito geral, pois não cabe a um pesquisador iniciante pela demanda de tempo e profundidade, mas em nível de um grupo de estudantes de Educação Física.

Fazendo uma pesquisa para saber quais os temas que incidem diretamente sobre o presente trabalho, não encontrei muitas referências, mas existem alguns em que falam um pouco e servem como bibliografias a serem consultadas como *Histórias e fatos das Copas do Mundo do Século XX*<sup>12</sup>, mas esse trabalho se mostra de grande importância em nível de produção científica por ser novo, de grande sentido social e acadêmico, podendo servir para trabalhos futuros. Tanto do ponto de vista quantitativo quando qualitativo, a produção acadêmica brasileira ainda não corresponde à reconhecida importância do futebol brasileiro, aqui e alhures. Para que se tenha idéia, a principal referência bibliográfica em nossa língua é a tradução de livro do inglês Richard Giulianotti, *Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. Portanto, chegou à hora de mostrar que já somos capazes de cobrar o decisivo pênalti, e não um mísero lateral. (DAMATTA, 2006)

---

<sup>12</sup> Disponível na biblioteca setorial do CDS/UFSC.

## 2. ELEMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

### 2.1 ABORDAGEM TEÓRICA

Partindo do problema de pesquisa levantado nesse trabalho, e que requer uma pesquisa para que surjam respostas ou afirmações cabíveis, deve-se revisar a literatura para que se tenham bases teóricas sobre o tema. Que as mesmas sirvam de fundamentações como categorias “a priori” da pesquisa, as quais serão durante a pesquisa confrontadas com as categorias “a posteriori”, isto é, aquelas que surgem das entrevistas, questionários, observações e coletas de dados. Destacam-se algumas palavras que se tornam chaves para o presente estudo, elas serão abordadas mais a fundo logo abaixo.

#### 2.1.1 FUTEBOL NO BRASIL

Desde sua introdução no Brasil em fins do século passado, e a despeito de seu caráter elitista, o *football* não parou de se expandir. Enquanto nos *clubes*, nos colégios e nos primeiros estádios os filhos de uma pretensa aristocracia paramentavam-se todos com uniformes, calçados especiais e manuais ingleses que ensinavam a praticar o novo esporte, aqueles que estavam do outro lado dos muros logo passaram a improvisar suas próprias partidas em terrenos baldios ou mesmo na própria rua, descalços e sem camisas a chutar uma bola, geralmente tão improvisada quanto à própria peleja. (FRANZINI, 1997). O futebol rapidamente se tornou uma paixão para os brasileiros, que freqüentemente referem-se ao país como *a pátria de chuteiras* ou *o país do futebol*. Segundo pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas, o futebol movimenta R\$ 16 bilhões por ano, tendo trinta milhões de praticantes (aproximadamente 16% da população total), 800 clubes, 13 mil times amadores e 11 mil atletas federados<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> JB Online: COB divulga raio-X do esporte. Página visitada em 18 de junho de 2008.

Trazido da Inglaterra por Charles Miller, que tinha ido estudar na Europa, retorna ao Brasil em 1894, trazendo com ele uma bola, livro de regras, chuteiras e uniformes para a prática.

*Numa tarde fria de outono em 1895, reuni os amigos e convidei-os a disputarem uma partida de football. Aquele nome, por si só, era novidade, já que naquela época somente conheciam o críquete.*

*- Como é esse jogo? - perguntam uns.*

*- Com que bola vamos jogar? - indagavam outros.*

*- Eu tenho a bola. O que é preciso é enchê-la.*

*- Encher com o quê - perguntavam.*

*- Com ar.*

*- Então vá buscar que eu encho."<sup>14</sup>*

Em 1895 houve o que é considerado o primeiro jogo de futebol no país. Na Várzea do Carmo, em São Paulo, uma partida entre ingleses e anglo-brasileiros, formados pelos funcionários da Companhia de Gás e da Estrada de Ferro São Paulo Railway. O amistoso terminou por 4x2, com vitória do São Paulo Railway. No entanto, há registros que o esporte já havia sido praticado no país anteriormente. Em 1874, marinheiros estrangeiros disputaram uma partida em praias cariocas. Em 1878, tripulantes do navio *Criméia* enfrentaram-se em uma exibição para a Princesa Isabel. Há também outras histórias não comprovadas. É dito que, em 1882, um homem chamado Mr. Hugh teria introduzido o futebol em Jundiaí, entre seus funcionários. Diz-se também que entre 1875 e 1876, no campo do Paissandu Atlético Clube, na cidade do Rio de Janeiro, funcionários de duas companhias teriam jogado uma partida. Contudo, a hipótese a partir de Charles Miller é a mais aceita e difundida no cotidiano brasileiro.

Partidas de futebol foram jogadas em Bangu, bairro do Rio de Janeiro, antes disso, com farta documentação reunida pelo pesquisador Carlos Molinari, mas não atendiam naquela época há regras deste esporte, como times uniformizados por exemplo. Logo após a introdução por Miller o esporte começou a se difundir por outros estados. Em 1897 o estudante Oscar Cox, regressando da Suíça, introduziu o futebol no Rio de Janeiro. A primeira equipe do estado foi o Rio Team, formada por Cox em 1901. No Rio Grande Do Sul a tarefa coube a Johannes Minerman e Richard Woelckers, em 1900, fundadores do Sport Club Rio Grande no mesmo ano. Na Bahia a José Ferreira Filho, em 1901. Em 1903 Guilherme de Aquino Fonseca após estudar na Hooton Lown School, na Inglaterra, voltou a Pernambuco e em 1905 fundou o Sport Clube do Recife. Vito Serpa trouxe o esporte a Minas Gerais em 1904 e Charles Wright ao Paraná em 1908.

---

<sup>14</sup> Entrevista dada à revista O Cruzeiro em 1952.



Apesar de ter se consolidado como o esporte preferido dos brasileiros já na década de 20, o futebol não foi visto com bons olhos durante sua popularização pelo país. As mais pesadas críticas vieram de setores da elite intelectual. O escritor Graciliano Ramos escreveu em sua crônica "Traças a Esmo" que o futebol era a prova da superioridade européia sobre o brasileiro, afirmando que sua popularidade seria apenas passageira (*fogo de palha*) pelo frágil biotipo dos que habitavam o Brasil. (HELAL, 2001). Da mesma forma que não fora recebido com simpatia pela elite intelectual, o mesmo acontecera em relação a classe trabalhadora. As lideranças sindicais da época, compostas em sua maioria por anarquistas e comunistas, viam o esporte com desconfiança, por acharem-no uma forma de alienação produzida pelos donos das fábricas para desviar a atenção do proletariado em relação à causa operária. Para tais lideranças, o futebol era "mera expressão da manipulação consumista e alienante da burguesia. (PEREIRA,2000).

A década de 20 é considerada como o marco para a popularização do futebol no Brasil. O exemplo mais claro do fenômeno que se tornara ocorreu na final do terceiro campeonato Sul-Americano de Futebol (hoje Copa América), quando a seleção brasileira enfrentou a seleção uruguaia, em 29 de maio de 1919. A expectativa para a partida era tamanha que o presidente da época, Delfim Moreira<sup>15</sup> decretou ponto facultativo nas repartições públicas, enquanto que o comércio do Rio de Janeiro não abriu as portas naquele dia. Os primeiros indícios de jogadores assalariados vêm do futebol operário. Inicialmente usado como lazer e fonte de disciplinarização para seus funcionários, os donos de fábricas logo perceberam que o sucesso das equipes que levavam o nome da fábrica era um ótimo meio de divulgação dos seus produtos. Os trabalhadores que se destacavam com a bola nos pés começaram então a gozar de vários benefícios, como prêmios por vitória (o 'bicho'), dispensa para treinos e trabalhos mais leves. Ocorria assim, pela primeira vez, a valorização do "capital esportivo". Surgia então o que foi chamado do 'operário-jogador'. Sobre isso, o escritor Mário Filho, abordando o caso específico do Bangu, fala no livro *O Negro no Futebol Brasileiro*:

*“Operário que jogasse bem futebol, que garantisse um lugar no primeiro time, ia logo para a sala do pano. Trabalho mais leve. (...) Os garotos que jogavam no largo da igreja sabiam que, quando crescessem, se fossem bons jogadores de futebol, teriam lugares garantidos na fábrica. (...) Depois de trabalhar muito, e principalmente, de jogar muito, o operário-jogador ganhava o prêmio da sala do pano. E podia ser ainda melhor se continuasse a merecer a confiança da fábrica, do Bangu. Havia o escritório, o trabalho mais suave do que na sala do pano. E o ordenado maior.” (FILHO, 2003, p. 84-89).*

---

<sup>15</sup> Presidente de 15 de novembro de 1918 a 28 de julho de 1919.

O aparecimento do “operário-jogador” proporcionou aos operários a possibilidade do esporte ser uma segunda fonte de renda, além de uma relativa mobilidade social dentro da fábrica. A prática começou então a ser vista como possibilidade de ascensão social. Se por um lado negros e analfabetos até aquela época não tinham incomodado, já que havia uma clara invasão de indivíduos sem status social numa prática até então restrita aos setores mais abastados da sociedade. Sobre isso, assim escreve Mário Filho:

*“Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro”* (FILHO, 2003, p. 126).

Com isso foram criadas algumas regras para impedirem que pessoas que não fossem da alta sociedade praticassem o futebol, dentre as regras estavam que só poderiam jogar os atletas que sabiam ler e escrever, que os que tiravam os seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerando-se como tal a em que predomine o esforço físico não poderiam ser inscritos. Com o amadorismo predominando no futebol brasileiro, muitos jogadores saíam do país para jogarem em outros países que já tinham o futebol como prática profissional. Muitos jogadores reclamavam dessas leis e do pouco dinheiro que ganhavam jogando futebol, é o caso de Amilcar Burbuy<sup>16</sup> que diz:

*“Vou para a Itália. Cansei de ser amador no futebol onde essa condição há muito deixou de existir, maculada pelo regime hipócrita da gorjeta que os clubes dão aos seus jogadores, reservando-se para si o grosso das rendas. Durante 20 anos prestei desinteressadamente ao futebol nacional os meus modestos serviços. Que aconteceu? Os clubes enriqueceram e eu não tenho nada. Sou pobre. Sou um pária do futebol. Não tenho nada. Vou para o país onde sabem remunerar a capacidade do jogador”* (CORREA, 1933, p. 127).

Em 1933 os presidentes de Vasco, Fluminense, América e Bangu, fundam a Liga Carioca de Football (LCF), primeira entidade a aceitar jogadores profissionais. Outras entidades fazem o mesmo e fundam a Federação Brasileira de Futebol (FBF) que apoiava o profissionalismo e por isso obteve da FIFA o direito de representar o Brasil em competições internacionais. Com o profissionalismo começando a ganhar forma, a CBD passou então a ser a grande antagonista do processo, o último bastião do amadorismo. As

---

<sup>16</sup> Foi um dos primeiros grandes ídolos corinthianos e também o primeiro jogador do clube a ser convocado para a Seleção Brasileira de Futebol, para disputar o Campeonato Sul-Americano de Futebol 1916, na Argentina.

freqüentes brigas entre a mesma e a FBF fez com que na Copa do Mundo de 1934 o Brasil enviasse apenas jogadores amadores, o que resultou na desclassificação da equipe na competição. Em 1937, contudo, a CBD aceita o profissionalismo em troca da manutenção do seu poder sobre o futebol nacional. Era a extinção das práticas amadoras. (Franzini, 2003).

A partir do final da década de 1950, o futebol brasileiro foi criando uma série de grandes jogadores ao mesmo tempo. Destacaram-se Pelé, Garrincha, Nilton Santos, Didi, Vavá, Zagallo, Djalma Santos o capitão Bellini, entre outros que participaram da campanha vencedora da Copa de 1958 pela Seleção Brasileira. A dose foi repetida na Copa de 62, desta vez Amarildo, Coutinho e Pepe somados ao elenco campeão. Em 1959, foi criada a Taça Brasil<sup>17</sup>, primeira competição com abrangência nacional do país. Seu primeiro campeão foi o Bahia, porém foi o Santos, de Pelé, a equipe que mais vezes a conquistou, cinco seguidas. Nesta época, o Santos fazia com o Botafogo, de Garrincha e companhia, o principal clássico do Brasil, tanto em competições regionais, nacionais e até internacionais, uma vez que a Taça Libertadores da América começou a ser disputada em 1960, ainda com pouco interesse das equipes brasileiras. O Santos foi o primeiro clube do país a conquistar a Libertadores e a ser campeão do mundo.

Apesar de não ter feito boa campanha na Copa de 1966, em 1970, a Seleção Brasileira sagrou-se campeã pela terceira vez da Copa do Mundo, recebendo definitivamente a Taça Jules Rimet, troféu que viria a ser roubado e derretido treze anos depois, por ter sido o primeiro país a conquistar a Copa pela terceira vez. Em 1967, o Torneio Roberto Gomes Pedrosa<sup>18</sup> foi criado para ser o campeonato nacional em um novo formato, possibilitando a participação de um número maior de clubes. Para tanto, o Torneio Rio-São Paulo foi interrompido, bem como a Taça Brasil dois anos depois. Após quatro edições do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, a CBF decidiu organizar definitivamente o Campeonato Brasileiro de Futebol em 1971. Seu primeiro vencedor foi o Atlético Mineiro.

Logo, assistiu-se a uma maior integração do futebol do país, mesmo tendo apenas clubes de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul conquistado o torneio entre 1972 e 1984. Destacam-se a *academia* do Palmeiras, bicampeão em 1972 e 73, o Internacional,

---

<sup>17</sup> Competição que antecedeu o Campeonato Brasileiro.

<sup>18</sup> Competição interestadual de futebol disputada de 1967 a 1970, antes da criação do campeonato brasileiro. O nome do torneio é uma homenagem ao goleiro Pedrosa, do São Paulo e da Seleção Brasileira que faleceu em 1954, então presidente da Federação Paulista de Futebol. Esse mesmo torneio também ficou conhecido como Taça de Prata.

campeão de 1975, 1976 e 1979 (este último de forma invicta) e o Flamengo, que chegou ao quarto título em 1987 (ainda que de forma contestada). De curioso, o fato de Guarani ter vencido o campeonato em 1978, sendo o primeiro clube com sede fora de uma capital a conquistar o título. A hegemonia dos estados citados só foi quebrada com a conquista do Coritiba em 1985, abrindo vez para conquistas dos nordestinos Sport e Bahia em 1987 e 1988 respectivamente.

Ainda que timidamente, os clubes brasileiros foram pegando feição pelo campeonato continental, a Taça Libertadores da América. O Cruzeiro foi o segundo time do Brasil a vencer a competição, em 1976, sendo seguido por Flamengo e Grêmio em 1981 e 83 respectivamente. Estes dois últimos clubes, conquistaram também o título de Campeonato Mundial de Clubes nestes anos. A grande novidade do calendário do futebol brasileiro na década de 1990 foi a criação da Copa do Brasil em 1989, que teve o Grêmio<sup>19</sup> como o campeão de estréia. A década inicia-se com o quinto título nacional do Flamengo no Campeonato Brasileiro de Futebol em 1992, embora a CBF não o reconheça como campeão devido a imbróglis durante a organização da Copa União<sup>20</sup> de 1987.

Neste mesmo ano de 1992, era disputada pela primeira vez a Copa Conmebol, que tinha como objetivo ser a segunda principal competição do continente sul-americano, atrás da Libertadores. Seus primeiros campeões foram do Brasil, o Atlético Mineiro, na primeira edição, o Botafogo, na segunda e o São Paulo, na terceira. A Conmebol foi apenas mais um dos títulos internacionais vencidos pelo São Paulo. Em 1992 e 1993, a equipe foi bicampeã da Libertadores e do Mundial. Na segunda metade da década, times do país conquistariam quatro vezes a Copa Libertadores da América, em 1995, o Grêmio, e de 1997 a 1999, na ordem, Cruzeiro, Palmeiras e Vasco, porém nenhum deles ficaria com o título mundial. Em 1999, a Copa Conmebol, passava a estar em terceiro plano, sendo substituída, desde 98, pela Copa Mercosul, vencida por Palmeiras, Flamengo e Vasco em suas primeiras edições.

O ano 2000 começou com disputa do Campeonato Mundial de Clubes de 2001<sup>21</sup> no Rio e em São Paulo. Teve como vencedor o Corinthians, que derrotou o Vasco na final. Em 2002, a Copa Sul-Americana foi inaugurada em lugar da Mercosul, porém, a nova competição continental só teve adesão brasileira em 2003. Até hoje, nenhum clube do país a venceu. Em 2003, o Campeonato Brasileiro passou a ser disputado por pontos corridos,

---

<sup>19</sup> Maior vencedor com quatro títulos ao lado do Cruzeiro.

<sup>20</sup> Copa União é o nome pelo qual ficou conhecido o módulo verde do Campeonato Brasileiro de 1987 e foi vencida pelo Flamengo. O nome oficial do módulo amarelo de 1987 era **Copa Brasil**, cujo campeão foi o Sport.

<sup>21</sup> Campeonato esse disputado em nova fórmula, diferente dos que antes só era jogado entre o campeão da Libertadores e o Campeão da Liga dos Campeões da UEFA.

em dois turnos em que todos os times jogavam contra todos. Esta mudança afetou o calendário do esporte no país, extinguindo competições regionais e encurtando as estaduais. O São Paulo é atual vencedor do Brasileiro, tendo conquistado a competição duas vezes seguidas, em 2006 e 2007. O Campeonato Mundial de Clubes ganhou um novo formato em 2005, inspirado na edição de 2000 no Brasil, envolvendo equipes vencedoras de todas as competições continentais. São Paulo e Internacional venceram as duas primeiras edições.

### **2.1.2 O BRASIL NAS COPAS DO MUNDO DE FUTEBOL**

As Copas do Mundo começaram a disputadas em 1930, e nas edições seguintes sempre teria participações da Seleção Brasileira. Mesmo com participações fracas nas primeiras edições, o Brasil esteve representando nas edições do campeonato de 1930, onde Preguinho marcou o primeiro gol da história da Seleção em Copas do Mundo. Brasil, o cabeça de chave, mandou um time composto quase que totalmente de cariocas (sendo o paulista Araken a única exceção) por causa de uma briga entre cartolas paulistas e cariocas, mas mesmo assim o time brasileiro poderia progredir. Porém, na partida de abertura do grupo a Iugoslávia conseguiu uma vitória de 2 a 1 sobre a seleção verde-amarela. Ambos os times bateram a Bolívia por 4 a 0. No jogo entre Brasil e Bolívia ambas as equipes jogaram com o mesmo uniforme por 45 minutos, até que os bolivianos decidiram trocar o uniforme. Com os resultados a Iugoslávia estava na fase seguinte.

Na Copa de 1934 o Brasil, outra vez desfalcado devido às eternas brigas entre cariocas e paulistas, deu vexame: Perdeu por 3 x 1 da Espanha e voltou pra casa. Em 1938, Foi a primeira copa em que o Brasil realmente se organizou, evitando as eternas e infrutíferas brigas entre cariocas e paulistas. O Brasil tinha um grande jogador, o 1º grande gênio da seleção em copas, Leônidas da Silva<sup>22</sup>. Na estréia um épico, Brasil 6 x 5 Polônia. Um jogo cheio de alternativas decidido só na prorrogação. Uma guerra, com vários jogadores contundidos em ambas as equipes. Nas quartas o Brasil jogou duas vezes contra a Tchecoslováquia, 1 x 1 e 2 x 1 (jogo desempate). Na semifinal o Brasil, sem Leônidas perdeu para a Itália, campeã mundial, por 2 x 1. A seleção brasileira ganhou da Suécia a decisão do 3º lugar por 4 x 2, na primeira grande participação canarinho em copas. Após

---

<sup>22</sup> Também chamado de Diamante Negro.

uma interrupção devido à Segunda Guerra Mundial, a Copa do Mundo voltaria a ser realizada em 1950 no Brasil.

O Brasil foi sede da Copa do Mundo de 1950 e, por ser o anfitrião, havia a expectativa por parte da população de uma primeira conquista, que foi o primeiro torneio a acontecer depois da II Guerra Mundial, a única no Brasil. O torneio de 1950 foi único por não ter uma única final, mas ao invés disso, um quadrangular final; contudo, para todos os fins o jogo decisivo entre Brasil e Uruguai serviu como "final" do torneio. A partida foi jogada no estádio do Maracanã no Rio de Janeiro (então capital do país), assistida por algo em torno de 200.000 pessoas, e o Brasil apenas precisando de um empate para ser campeão, acabou perdendo por 2 a 1 de virada; essa partida desde então ficou conhecida na América do Sul como o *Maracanazo*<sup>23</sup>. A Seleção jogou de branco até a data fatídica de 16 de Julho de 1950, quando perdeu para o Uruguai. Após essa data houve um concurso para escolher o novo uniforme da equipe, tendo sido escolhidos o amarelo como cor da camiseta, o azul como cor do calção e o branco a cor dos meiões.

Para a Copa do Mundo de 1954, na Suíça, a equipe brasileira estava completamente renovada, para que a derrota do Maracanã pudesse ser esquecida, mas ainda tinha um bom grupo de jogadores, incluindo Nilton Santos, Djalma Santos e Didi. O Brasil não foi muito longe por duas razões principais: a necessidade que seus jogadores tinham para provar que não eram covardes (como muitos foram acusados em 1950) e o fato de terem enfrentado a Hungria, o melhor time daquela Copa, na terceira fase. A partir dessa Copa, o Brasil passou a usar o uniforme com a camisa amarela e o calção azul. Depois da derrota no Mundial de 1950, o uniforme antigo (camisa branca e calção azul usado desde 1919) foi considerado uma das fontes de azar. Pelo Grupo A, o do Brasil, ocorreu um episódio bastante curioso. Brasil e Iugoslávia venceram seus primeiros compromissos (Brasil 5 a 0 contra México e Iugoslávia pela contagem simples sobre a França) e o empate garantia ambos na fase seguinte.

Acontece que os jogadores do Brasil não conheciam o tal regulamento e atacavam insistentemente a meta Iugoslávia, com os jogadores eslavos fazendo gestos aos brasileiros pelo empate que beneficiaria os dois. Ao final do jogo alguns brasileiros choravam e apenas posteriormente a situação foi esclarecida. Tanto brasileiros como iugoslavos se

---

<sup>23</sup> Termo usado em referência à partida que decidiu a Copa do Mundo de Futebol de 1950 a favor da Seleção Uruguaia de Futebol, deixando desolados os brasileiros. A partida ocorreu no estádio do Maracanã, e é considerada um dos maiores reveses da história do futebol.

classificaram à fase seguinte. O Brasil foi a vítima magiar nas Quartas. Uma verdadeira batalha campal em Berna e Hungria vence por 4 a 2. (DUARTE, 1994)

O técnico do Brasil, Vicente Feola impôs regras estritas para a equipe para a Copa do Mundo de 1958, na Suécia. Os jogadores receberam uma lista de quarenta coisas que eles não tinham permissão de fazer, incluindo usar chapéu ou guarda-chuva, fumar enquanto vestiam uniforme oficial e conversar com a imprensa fora dos locais designados. Era o único time que havia trazido um psicólogo (por causa das memórias de 1950, que ainda afetavam alguns jogadores) ou um dentista (já que, por causa de suas origens humildes, muitos jogadores tinham problemas dentais, o que causava infecções e tinham também um impacto negativo nas performances) com eles, e haviam mandado um representante para a Europa para assistir as partidas eliminatórias um ano antes do começo do torneio.

O Brasil caiu no grupo mais difícil, com Inglaterra, URSS e Áustria. Eles bateram a Áustria por 3 a 0 na primeira partida, então empataram em 0 a 0 com a Inglaterra. Os brasileiros estavam preocupados com sua partida com os soviéticos, que tinham um físico excepcional e eram um dos favoritos a ganhar o torneio; sua estratégia era arriscar no começo do jogo para tentar marcar um gol logo no início. Antes da partida, os líderes do time, Bellini, Nilton Santos e Didi, falaram com o técnico e o persuadiram a fazer três substituições que seriam cruciais para o Brasil ganhar dos soviéticos e a Copa: Zito, Garrincha e Pelé começariam o jogo contra a União Soviética. No apito inicial, eles passaram a bola para Garrincha que passou por três jogadores antes de acertar a trave com um chute. Eles mantiveram a pressão sem descanso, e após três minutos que mais tarde seriam chamados de "*os três minutos mais grandiosos da história do futebol*", Pelé deu ao Brasil a liderança no placar. Eles ganharam a partida por 2 a 0. Pelé marcou o único gol da partida das quartas-de-final contra o País de Gales, e eles bateram a França por 5 a 2 nas semi-finais.

O Brasil bateu os donos da casa, Suécia, na final por 5 a 2, ganhando sua primeira Copa do Mundo e se tornando a primeira nação a ganhar um título de Copa do Mundo fora de seu próprio continente. Um fato lembrado foi que Feola algumas vezes tirava sonecas durante os treinamentos e fechava os olhos durante os jogos, dando a impressão que ele estava dormindo! Por causa disso, Didi algumas vezes era tido como o verdadeiro técnico do time, já que ele comandava o meio de campo. Outro detalhe: na final da Copa, quando enfrentou a Suécia, o time brasileiro teve que arrumar o segundo uniforme urgentemente, já que o sueco era amarelo também. A Suécia emprestou ao Brasil seu uniforme reserva

(camisetas azuis e calções brancos), e há informações de que os próprios jogadores costuraram os distintivos da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) durante a noite na camiseta no lugar dos distintivos suecos.

Assim surgiu o uniforme reserva do Brasil. Diz-se que o chefe da delegação, Paulo Machado de Carvalho, tentou estimular os jogadores associando o azul da camisa ao "manto de Nossa Senhora". Destacaram-se Pelé, Garrincha, Nilton Santos, Didi, Vavá, Zagallo, Djalma Santos o capitão Bellini, entre outros que participaram da campanha vencedora da Copa de 1958 pela Seleção Brasileira. (DUARTE, 1994)

O Brasil campeão da Copa anterior partia rumo ao bicampeonato com praticamente o mesmo time que conquistou o título na Suécia. Dentro das superstições de Paulo Machado de Carvalho<sup>24</sup>, dirigente da delegação, até o mesmo comandante do avião em 58 que levou a seleção se repetira em 62. No Grupo 3 na estréia o Brasil bateu o México por 2 a 0 com um gol antológico de Pelé em que driblou toda a defesa mexicana antes de tocar na saída de Carbajal. No segundo jogo Pelé sofreu contusão no jogo contra a Tchecoslováquia e não voltou a atuar nesta Copa. Amarildo teve a difícilíssima missão de substituir o rei e foi bem sucedido. O Brasil empatou com a Tchecoslováquia em 0 a 0, derrotou a Espanha em jogo dramático e de virada, 2 a 1. Por muito pouco a equipe de Aymoré Moreira não foi eliminada na primeira fase. Pode-se dizer que o Brasil só decolou a partir das Quartas quando Garrincha chamou para si a responsabilidade e dizimou o *English Team*: Brasil 3 a 1 Inglaterra. No dia seguinte os jornais ingleses estampavam: "Mané Garrincha é um extra-terrestre".

Nas semifinais o Brasil venceu o Chile dono da casa por 4 a 2 no Estádio Nacional lotado. Brasil e Tchecoslováquia novamente se encontrariam na final. Masopust abriu o placar. O Brasil empatou com Amarildo. Zito virou e Vavá marcou o terceiro. Com o placar em 3 a 1 o Brasil se sagraria bicampeão mundial de futebol. O Brasil conseguiu seu segundo título com Garrincha como a grande estrela, fazendo gols de cabeça e também de perna esquerda e ainda jogando com febre a final, especialmente após Pelé ter se machucado no segundo jogo e estar impossibilitado de jogar pelo resto da Copa do Mundo. A dose foi repetida na Copa de 62, desta vez Amarildo, Coutinho e Pepe somados ao elenco campeão.

---

<sup>24</sup> Ao lado de João Havelange, então presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), foi dirigente do futebol brasileiro, tendo sido chefe das delegações campeãs mundiais de 1958 (Suécia) e 1962 (Chile), o que lhe valeu o apelido de "Marechal da Vitória".



Na Copa do Mundo de 1966, a preparação do time foi afetada por influências políticas. Todos os grandes clubes do futebol brasileiro queriam seus jogadores incluídos na equipe brasileira, para lhes dar mais exposição. Nos meses finais da preparação, o técnico Vicente Feola estava trabalhando com 46 jogadores, na qual apenas 22 iriam para a Inglaterra; isso causou muitas disputas internas e pressão psicológica. O resultado foi que, em 1966, o Brasil teve uma das piores performances em todas as Copas do Mundo. Além disso, a derrota para a Hungria representou a única derrota de Garrincha com a camisa da seleção .

Em 1970, a Seleção Brasileira sagrou-se campeã pela terceira vez da Copa do Mundo, recebendo definitivamente a Taça Jules Rimet, troféu que viria a ser roubado e derretido treze anos depois, por ter sido o primeiro país a conquistar a Copa pela terceira vez. Os primeiros grandes momentos desta memorável Copa do Mundo ocorreram no Grupo 3, no qual o bi-campeão Brasil e a defensora do título, Inglaterra se somaram as fortes equipes européias da Tchecoslováquia e Romênia. Na revanche da final da Copa de 1962, os brasileiros começaram perdendo para os tchecoslovacos, mas conseguiram reagir e acabaram por vencer a partida por 4 gols a 1. Pelé marcou um dos gols, mas o lance dele que ficaria marcado pra sempre nesta partida foi a tentativa efetuada do meio de campo que quase bateu o goleiro Ivo Viktor, a bola passou rente a trave. O choque de campeões entre a *seleção canarinho* e o *English Team* atendeu às expectativas. O lance mais célebre desta partida foi a forte cabeçada para o chão de Pelé que não atingiu o gol por conta de uma impressionante defesa de Gordon Banks, que conseguiu colocar sua mão por baixo da bola e mandá-la por cima do travessão. No fim, foi um gol de Jairzinho que sacramentou a vitória dos brasileiros pela contagem mínima. Na última rodada, a Romênia impôs dificuldades ao Brasil, mas o time de Zagallo acabou vencendo por 3 a 2.

As semi-finais apresentaram quatro times que já haviam vencido a Copa no passado: Brasil vs. Uruguai, numa revanche da partida final da Copa de 1950. No jogo entre os sul-americanos, o Brasil conseguiu bater o Uruguai por 3 a 1 de virada. Esta partida apresentou mais um brilhante lance de Pelé: com a posse de bola dentro da área, ele conseguiu ficar frente a frente com o arqueiro uruguaio Ladislao Mazurkiewicz e, sem tocar a bola, ela passou à esquerda do goleiro, Pelé correu para o lado direito, pegando a bola com o gol vazio a sua frente. Porém, Pelé não conseguiu marcar por muito pouco. A semi-final composta pelos europeus é tida por muitos como o melhor jogo da história das Copas do Mundo.

Na final, o Brasil saiu na frente, com Pelé cabeceando um cruzamento de Rivellino no minuto 18. Roberto Boninsegna empatou para os italianos após falha da defesa brasileira. Gérson bateu um forte chute para o segundo gol, e ajudou na marcação do terceiro, com um lançamento de falta para Pelé que cabeceou para Jairzinho. Pelé finalizou sua grande performance saindo da marcação da defesa italiana e assistindo Carlos Alberto Torres no flanco direito para o gol derradeiro. O gol de Carlos Alberto, após uma série de passes da seleção brasileira da esquerda para o centro, é considerado um dos mais belos gols marcados na história do torneio. A vitória consagrou o Brasil como a primeira equipe a conquistar três títulos na história das Copas. (DUARTE, 1994)

O técnico brasileiro Mário Jorge Lobo Zagallo foi o primeiro futebolista a se tornar campeão mundial como jogador (1958 e 1962) e como técnico, e Pelé encerrou sua carreira nas Copas do Mundo como o primeiro (e até agora único) vencedor por três vezes. Jairzinho marcou pelo menos um gol em cada dos seis jogos do Brasil (no primeiro jogo, contra a Tchecoslováquia, ele marcou dois), um feito que até agora não foi repetido.

Em 1974, O Brasil, sem Pelé, Gérson, Carlos Alberto Torres, Tostão e Clodoaldo, não era sombra do super time de 1970. Jogando um futebol defensivo, o time suou para empatar contra a Iugoslávia e Escócia e ganhar do Zaire por 3 a 0, na medida para se classificar. Chega a Segunda Fase; neste mundial com dois grupos de quatro, os melhores vão à final e os segundos colocados vão disputar o terceiro lugar. O Brasil ganha da Alemanha Oriental e Argentina só que perdeu para os Países Baixos (Holanda)<sup>25</sup> por 2 a 0 na partida que decidiu o finalista de seu grupo. Restou ao Brasil jogar e perder, pelo terceiro lugar da Copa, contra a Polônia, 1 a 0 gol de Lato.

A seleção brasileira foi à Copa da Argentina, em 1978 comandada por Cláudio Coutinho mas não se encontrou na 1ª fase. Só se classificou com um gol de Roberto Dinamite contra Áustria em uma vitória que não precisava ser tão sofrida. No grupo de Brasil e Argentina, um escândalo: o time do Peru literalmente abriu mão do direito de jogar e passeou em campo dando à Argentina uma vitória de 6 a 0, o suficiente para os portenhos irem à final da Copa no lugar do Brasil.

A esta época, a Seleção Brasileira ficou 24 anos sem vencer a Copa do Mundo. Em 1982, o time montado por Telê Santana era tido como candidato ao título, apresentando o melhor futebol da época e baseada nos jogadores como Zico, Falcão, Sócrates, Júnior, Oscar, Toninho Cerezo, entre outros, acabou sendo eliminada nas quartas-de-final da

---

<sup>25</sup> Seleção que ficaria conhecida naquela copa como Carrossel Holandês, por inovarem com um sistema tático onde os jogadores não guardavam posição fixa.

competição para a Itália, que seria campeã da Copa. O Brasil, grande favorito ao título, estreou contra a URSS. Um jogo complicadíssimo. Os soviéticos fizeram 1 a 0 numa falha de Waldir Peres. A seleção errou muito, principalmente no sistema defensivo e o juiz deixou de dar 2 pênaltis claros para os soviéticos.

No segundo tempo o Brasil colocou os nervos no lugar e o gênio de Sócrates explodiu no gol de empate. Aos 43 minutos Éder, dispara no ângulo de Rinat Dasayev, Brasil 2 a 1. A equipe de Telê então venceu a Escócia, de virada de novo, por 4 a 1. Zico brilhou com um bonito gol de falta. Contra a Nova Zelândia a seleção *canarinho* novamente venceu por goleada, 4 a 0. Na segunda fase o Brasil enfrentaria Argentina e Itália. Primeiramente o Brasil bateu a Argentina por 3 a 1, num jogo em que a imagem de Júnior sambando à beira do campo após marcar um dos gols canarinhos tornou-se emblemática e depois perdeu para a Itália por 3x1 com Rossi marcando os três gols para a *Azurra*.

A FIFA ofereceu a Copa do Mundo de 1986 para o Brasil, mas o Governo Militar recusou. O Brasil, na primeira fase, ganhou da Espanha por 1 a 0, que deveria ter sido empate com um gol de Michel, que o juiz não viu (a bola bateu na trave e após a linha), 1 a 0 na Argélia, 3 a 0 na Irlanda do Norte (com um golaço de Josimar) e 4 a 0 na Polônia com outro lindo gol de Josimar. O Brasil, com uma defesa mais consistente do que em 1982, só levou um gol, justo no fatídico empate com a França pelas Quartas de Final, onde Zico, aos 30 do segundo tempo viu Joël Bats defender o penal que daria a classificação à seleção canarinho.

O Brasil, campeão sul americano, comandado pelo técnico Sebastião Lazaroni, adotou o sistema com líbero, com dois laterais, chamado 5-3-2, tornando irreconhecível o time canarinho. Aliás a Copa 90 passou para a história como uma copa de equipes defensivas, que jogavam apenas para alcançar o resultado. Brasil e Argentina eram os maiores expoentes desta síndrome. A seleção brasileira, dividida por brigas internas, foi precocemente eliminada. Após passar com dificuldades pela primeira fase, apesar de 3 vitórias (2 a 1 na Suécia com dois gols de Careca, 1 a 0 na Costa Rica e 1 a 0 na Escócia gol de Müller a 10 minutos do fim do jogo), o Brasil caiu nas Oitavas de Final, frente à Argentina por 1 a 0 (o gol foi de Claudio Caniggia, em uma única jogada genial de Maradona). O Brasil lutou, mas perdeu várias chances de gol. Foi a pior campanha brasileira desde 1966.

Na Copa do Mundo de 1994, a Seleção Brasileira liderada por Romário, finalmente conquistaria o título outra vez, a quarta de sua história, recorde até então. O Brasil,

liderado por Romário, dirigido pela dupla Parreira e Zagallo, foi para a Copa de 94 descreditado pela difícil campanha nas Eliminatórias. Jogando um futebol burocrático, porém consistente em seu sistema de marcação e obediência tática, a seleção canarinho tinha na dupla de ataque Bebeto e Romário sua principal arma. Ganhou da Rússia por 2 a 0, de Camarões por 3 a 0 e empatou com a Suécia por 1 a 1. Nas oitavas ganhou por 1 a 0 dos Estados Unidos em pleno feriado da independência americana.

Nas quartas um grande jogo: Brasil e Holanda. A seleção marca 2 a 0 no segundo tempo. A Holanda reage com Bergkamp e Aron Winter; Branco amplia, 3 a 2 e o Brasil volta às semifinais de uma Copa. A seleção canarinho vence a Suécia com um gol de cabeça do baixinho Romário e 24 anos depois está numa final de copa, novamente contra a Itália. A final, entre Brasil e Itália, entrou para a história por dois motivos: Primeiro, por fazer surgir a primeira seleção a conquistar o quarto título mundial (ambos os países já tinham ganho três mundiais). Segundo, porque foi a primeira vez que a final de uma Copa do Mundo foi decidida nos pênaltis. O jogo terminou em 0 a 0 no tempo normal e na prorrogação. A vitória do Brasil veio após uma defesa do goleiro Taffarel e um chute para fora dos italianos Roberto Baggio e Franco Baresi.

O Brasil recuperava a coroa e conquistava assim o inédito quarto título da copa do mundo, igualado apenas no mundial de 2006, pela própria Itália, que perdeu para o Brasil nesta final de 1994. O grande destaque da copa foi o "baixinho" Romário, que com seus cinco gols e assistências perfeitas, como aquela em que deu à Bebeto contra os EUA, foi o principal nome brasileiro na Copa. Craque, polêmico, galanteador e boêmio, o baixinho brilhou e confirmou a sua espetacular fase vivida então no Barcelona; a Fifa o escolheu o melhor jogador da Copa de 1994.

Em 1998, o Brasil chegaria a final de novo, porém, seria derrotado pela França por 3 a 0. No Grupo A, o Brasil, tido como um dos favoritos ao título, estava acompanhado por Escócia, Marrocos e Noruega. A equipe Brasileira mesclava a experiência de Dunga e Taffarel com alguns jovens talentos, como Roberto Carlos e Rivaldo, e acabou se classificando em primeiro lugar no grupo, mesmo após uma derrota contra a Noruega, que ficou em segundo lugar no grupo. Nas oitavas de final o Brasil também passou de fase após uma goleada sobre o Chile com dois gols de Ronaldo. Na fase seguinte, o Brasil reafirmou seu favoritismo após uma virada contra a Dinamarca. Em Marselha, Holanda e Brasil mediram forças. Após empate no tempo normal, Taffarel defende dois pênaltis e torna-se um dos principais responsáveis pela classificação brasileira à final. A final causa polêmica até hoje. A Seleção Brasileira entrou em campo apática após a convulsão de

Ronaldo, que mesmo assim foi escalado por Zagallo. A França bateu o Brasil por 3 a 0, com uma grande atuação de Zinedine Zidane, que marcou dois gols na decisão.

Em 2002, a Seleção Brasileira chegava desacreditado à Copa do Mundo. Porém, com os fracassos precoces de Argentina e França, o Brasil teve menos dificuldades do que o esperado e, guiado por Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho, entre outros, o país conquistou o seu quinto mundial. O Brasil fez a seguinte campanha: 2 a 1 com a Turquia, 4 a 0 com a China, 5 a 2 com a Costa Rica, 2 a 0 Bélgica, 2 a 1 Inglaterra, e 1 a 0 frente à Turquia. Na final, o Brasil ganhou por 2 a 0 da Alemanha. O Brasil chegou ao pentacampeonato, inédito, e igualou a Alemanha em número de finais consecutivas, três. Ronaldo Nazário foi o grande nome da Copa, pois todos duvidavam de sua capacidade física de disputar o mundial, devido a 2 anos de inatividade por causa de suas cirurgias no joelho. Os 3 R's brilharam: Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho e Rivaldo. O técnico do Brasil foi Luiz Felipe Scolari.

Pelé, quando interrogado sobre qual seria o favorito na sua opinião, preferiu não dizer, por ter errado de todas as vezes em que se pronunciou sobre a seleção favorita: em 1994, disse que seria a Colômbia; em 1998, disse que a Espanha era melhor equipe, e o Brasil tinha problemas na defesa; e em 2002, devido a má campanha do Brasil nas eliminatórias, seleções como Inglaterra, Portugal, Suécia e Argentina eram as preferidas. A menos de um mês do torneio, contudo, Pelé acabou admitindo que não acreditava na vitória da seleção brasileira. Para Pelé, os favoritos sempre perdem. O ex-jogador foi muito criticado por tal declaração. Pelé, contudo, acabaria acertando suas previsões, já que o Brasil seria eliminado pela França nas quartas-de-final. Já entre os brasileiros a expectativa era de que a seleção trouxesse o título novamente. Pesquisa divulgada no dia 25 de Maio pelo Instituto CNT/Sensus apontou que 79,8% dos brasileiros acreditam no hexacampeonato mundial. O Brasil garantiu sua classificação para a segunda fase com a vitória sobre a Austrália por 2 a 0.

Nas oitavas de final o Brasil pegaria Gana, uma seleção sem muita tradição em Copas do Mundo, onde pesou a camisa e o Brasil passou com 3x0, destaque para Ronaldo que marcou seu 15º gol em Copas se tornando o maior artilheiro de todas as edições. Nas quartas de final, a poderosa seleção francesa pelo caminho, revivendo a final de 1998, todos esperavam pela revanche brasileira, mas o que se viu foi um time apático em campo, onde os franceses venceram por 1x0. Estava encerrada a participação brasileira na Copa da Alemanha, onde todos diziam ser a Copa mais fácil e a que o Brasil tinha o melhor time de todos os tempos.

### **2.1.3 PATRIOTISMO NO FUTEBOL**

O futebol e outras manifestações culturais passaram a fazer parte do projeto de construção da nacionalidade e, com isso, o jornal, a rádio, os governantes e os mediadores culturais tiveram um papel fundamental. Na década de 30, o meio social brasileiro estava bastante heterogêneo e fragmentado por interesses regionais, a construção da nacionalidade brasileira teve no futebol um dos seus principais alicerces. Os embates com times estrangeiros e as primeiras partidas da seleção brasileira alimentaram, em todos os setores sociais, certa dose de patriotismo e de sentimento de unidade, ainda que transitória e circunscrita à realização das partidas.

Se o país já estava em chuteiras, a pátria também logo as calçaria<sup>26</sup> [...], as diferenciações sociais tão explícitas em outros níveis vão se minimizar sob o efeito aglutinador do futebol, abrindo espaço para a formação de um sentimento comum de pertencimento à sociedade brasileira, o que foi de encontro ao processo de reelaboração de elementos de apelo popular promovido pelo governo de Getúlio Vargas com vistas à unificação cultural do país, estabelecendo uma homogeneidade em meio à diversidade. (VIANNA, 1995). Sem dúvida os anos de governo de Vargas haviam difundido o sentimento de nacionalismo potencializado pelo futebol, que expressava juntamente com o carnaval, o sentimento de identidade nacional forjada sob a batuta autoritária.

O governo via que esse esporte possuía grande influência no meio social, e que ali estava uma forma de elevar ainda mais o País, tendo o povo como seu aliado. Os meios de comunicação tiveram grande importância nesse fato, pois as partidas eram transmitidas ao vivo proporcionando aos que não podiam ir aos estádios ficarem ligados nos jogos. O mesmo rádio que agrupava os ouvintes num corpo único de torcedores de determinado time ou corpo maior da seleção brasileira também procurava criar o corpo cívico da nação em comunhão com seu líder máximo. Paixão política e paixão futebolística eram estimuladas de forma semelhante. Enquanto as bandeiras com as cores dos clubes eram desfraldadas nos estádios, as bandeiras regionais eram queimadas, e no lugar delas era içada a bandeira nacional. (JUNIOR, 2007).

Em 1950, uma Copa do Mundo era disputada no Brasil, nada melhor para despertar no povo um sentimento de patriotas. Tudo foi preparado para ser perfeito, estádios

---

<sup>26</sup> Franzini, 1997, Futebol, identidade e cidadania no Brasil dos anos 30.

construídos, o País estava se modernizando, diante do favoritismo brasileiros políticos buscavam se afirmar diante do povo e ampliar seus negócios. Com a derrota na final para o Uruguai diante de 200 mil pessoas no Maracanã<sup>27</sup>, bandeiras enroladas, lágrimas nos olhos, comércio fechado, ruas desertas, mortes provocadas pela derrota. O nacionalismo que há décadas sobrevivia, agora estava cabisbaixo. Um nacionalismo silencioso, doloroso, mas nem por isso menos expressivo. Segundo Voegel “morria a Pátria-Mãe e com ela a desonra e o desrespeito coletivo.”

Se tomarmos como referência os anos 50, apesar das diferenças entre os veículos, foram obrigados a narrar o futebol como uma expressão de nacionalidade, tanto pela estrutura da competição das Copas como projeto nacional que construía uma imagem homogeneizante de “ser brasileiro”, imagem essa que teve grande impulso a partir da “era Vargas”. Hoje, no entanto o projeto de nação tem assumido outros contornos, as narrativas jornalísticas tomam o futebol como emblema da nação durante a Copa apesar de que podemos verificar uma transformação já em curso nas sessões esportivas.<sup>28</sup> (HELAL, 2005)

O envolvimento do brasileiro é muito diferente dos demais países, em que adotaram o futebol como esporte mais popular e possuem alguma tradição em Copas do Mundo, tendem a ter um comportamento mais patriótico e nacionalista durante o evento, até porque o evento tem uma estrutura de estado-nação. Por ser um país desigual manifesta-se no futebol um comportamento de abatimento/euforia, idolatria/perseguição, que marca as relações entre a seleção e a população, revelando que no fundo projetamos as nossas aspirações coletivas mais nos campos de futebol do que nos campos sociais.

A copa de 70 trouxe novos rumos ao patriotismo, pois era a primeira vez que os jogos eram transmitidos ao vivo e a cores para o Brasil, fazendo com que os gestos, comemorações, dribles, feições e expressões dos jogadores reaquecessem os sentimentos no povo. A marchinha “Pra frente Brasil”, era tocada em todas as rádios, programas de televisão, desfiles militares e nas escolas. Era comum se ver em repartições públicas slogans que diziam “Ontem, hoje, sempre Brasil”, “Ninguém mais segura esse País”, automóveis circulavam pelas ruas com adesivos dizendo “Brasil, ame-o ou deixe-o”.

No caso de vitórias nacionais, é todo um país que tende a ficar envolvido pelo clima de euforia e orgulho pátrio, milhões de pessoas festejam por todo o território. (JUNIOR, 2007)

---

<sup>27</sup> Esse dia ficou conhecido como a Tragédia do Maracanã, ou Maracanazo.

<sup>28</sup> Citação traduzida do espanhol.

## **2.1.4 EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE**

Tudo começou quando o homem primitivo sentiu a necessidade de lutar, fugir ou caçar para sobreviver. Assim o homem à luz da ciência executa os seus movimentos corporais mais básicos e naturais desde que se colocou de pé: corre, salta, arremessa, trepa, empurra, puxa e etc. Os chineses datam em 3000 a.C. o surgimento da educação física onde um imperador guerreiro pensando no progresso de seu povo, passava exercícios físicos com finalidades terapêuticas e higiênicas, além do caráter guerreiro. Mas sem dúvida a civilização que marcou e desenvolveu a Educação Física foram os gregos. Nomes como Sócrates, Platão, Aristóteles, e Hipócrates contribuíram e muito para a Educação Física e a Pedagogia atribuindo conceitos até hoje aceitos na ligação corpo e alma através das atividades corporais e da música. "Na música a simplicidade torna a alma sábia; na ginástica dá saúde ao corpo" Sócrates. É de Platão o conceito de equilíbrio entre corpo e espírito ou mente. Os sistemas metodizados e em grupo, assim como os termos halteres, atleta, ginástica, pentatlo entre outros, são uma herança grega. As atividades sociais e físicas eram uma prática até a velhice lotando os estádios destinados a isso.

Na idade Média com queda do império romano há uma verdadeira involução da Educação Física, principalmente com a ascensão do cristianismo que perdurou por toda esta era. O culto ao corpo era pecado mortal, atividades braçais eram reservadas apenas aos servos. O período da Renascença fez explodir novamente a cultura física, as artes, a música, a ciência e a literatura. A beleza do corpo, antes pecaminosa, é novamente explorada surgindo grandes artistas como Leonardo da Vinci (1452-1519), responsável pela criação utilizada até hoje das regras proporcionais do corpo humano. Consta desse período o estudo da anatomia e a escultura de estátuas famosas como, por exemplo, a de Davi, esculpida por Michelângelo Buonarroti (1475 - 1564). A dissecação de cadáveres humanos deu origem à Anatomia como a obra clássica "De Humani Corporis Fábrica" de Andrea Vesalius (1514-1564). A volta da Educação Física escolar se deve também nesse período a Vitório de Feltre (1378-1466) que em 1423 fundou a escola "La Casa Giocosa" onde o conteúdo programático incluía os exercícios físicos. Mais tarde no Iluminismo todos estes conceitos são retomados e acrescentados por seus novos teóricos. Rousseau (1712-1778) propõe a Educação Física como requisito fundamental para o desenvolvimento infantil, ou seja, já no século XVIII havia focos de estudos sobre psicomotricidade (em voga atualmente).



O verdadeiro marco do desenvolvimento da ginástica moderna com fundamentos específicos e abrangentes destinada à população mais necessitada: os obesos, as crianças, os sedentários, os idosos e também às mulheres. Calistenia, segundo MARINHO (1980) citado por Marcelo Costa, vem do grego Kallos (belo), Sthenos (força) e mais o sufixo "ia". Com origem na ginástica sueca apresenta uma divisão de oito grupos de exercícios localizados associando música ao ritmo dos exercícios que são feitos à mão livre usando pequenos acessórios para fins corretivos, fisiológicos e pedagógicos.

Os responsáveis pela fixação da Calistenia foram o Dr. Dio Lewis e a (A. C. M.) Associação Cristã de Moços com proposta inicial de melhorar a forma física dos americanos que mais precisavam. Por isso mesmo, deveria ser uma ginástica simples, fundamentada na ciência e cativante. Em função disso o Dr. Lewis era contra os métodos militares sob alegação que as mesmas desenvolviam somente a parte superior do corpo e os esportes atléticos não proporcionavam harmonia muscular.

A partir de 1919, os militares intensificaram sua preocupação com a sistematização e disseminação nacional da prática de atividades físicas. Por essa ocasião as discussões a respeito da Educação Física se fortaleceram, também, entre as autoridades públicas. Fundou-se, em 1922, na Vila Militar, no Rio de Janeiro, o Centro Militar de Educação Física do Exército, que se expandiria no ano de 1930, com a criação de centros regionais em São Paulo e Minas Gerais, fundamentando-se na ginástica, especialmente para atingir objetivos de saúde e ideais de eugenia.

A falta de formação em Educação, associada aos objetivos da Educação Física na era Vargas (desenvolvimento da força de trabalho e cultivo de valores morais, em especial o civismo e o patriotismo) configuraram um obstáculo para a formação intelectual de seus professores, permitindo que outros profissionais (médicos e militares) durante algumas décadas determinassem a organização de seus conhecimentos e da sua formação profissional, uma vez que permaneceram na direção da escola ainda por alguns anos. Adorno (citado por VAZ, 1999) admite valores positivos no esporte, desde que retirada à competitividade exacerbada. Isso poderia permitir aos sujeitos respeitarem os mais fracos e terem a vivência do jogo, onde existe um grau maior de liberdade entre seus participantes. O caráter competitivo do esporte de rendimento passou a fundamentar o método educativo em Educação Física. Partiu-se do pressuposto de que as relações humanas necessitam da competitividade, objetivando a sobrevivência.

O mundo atual passa por grandes transformações, a evolução se dá em todos os campos da vida. A principal se deu nas tecnologias, o que facilitam a vida humana,

mudando completamente o estilo de vida. Essas tecnologias e mordomias trazem consigo maneiras de se fazer tudo sem muito esforço, o que torna o homem mais sedentário.

De acordo com BARROS (2002), essa mudança no estilo de vida da sociedade coloca a Educação Física em evidência, uma vez, que ela é responsável por grande parte de técnicas, conceitos e métodos capazes de prevenir doenças e, juntamente com outros fatores, manter e/ou até aumentar a qualidade de vida do homem, principalmente aquele que vive nos grandes centros urbanos. Sendo assim, o mesmo autor afirma que todo serviço prestado no ramo da atividade física, com o desenvolvimento da tecnologia e acesso mais fácil das informações, não poderia mais ser prestado por pessoas inabilidosas não possuidora de formação e conhecimentos técnicos e científicos. Quando há uma necessidade específica da sociedade, para atendê-la, deverá haver pessoas competentes e capacitadas para tal.

Não há dúvidas de que o esporte é um fenômeno sócio-cultural de grande relevância em nossa sociedade; cada vez mais, diferentes grupos sociais praticam esporte, nos parques, nas ruas, como forma de lazer, distração e integração. Tal é a sua importância, enquanto fenômeno social e cultural que o esporte hoje é praticado no mundo todo (FLORENTINO, 2006b).

Para TUBINO (2005), não há menor dúvida de que as atividades físicas e principalmente esportivas constituem-se num dos melhores meios de convivência humana. É preciso que professores e/ou treinadores tenham uma atenção especial a esta dimensão, pois é possível perceber, por meio de resultados de pesquisas, que o fato de estar com amigos, de fazer novas amizades, de participar de novos grupos sociais, pode ser associado a um dos motivos que levam os jovens à prática regular de atividade física e, também, pela busca de novos valores, tais como: o exercício da disciplina; agir seguindo regras, ter respeito e ética; ser responsável (SALDANHA, 2007).

ROITMAN (2001, p. 150) afirma que:

*“O ensino é um processo complexo: abrange uma situação interativa, na qual professores estão envolvidos em relações interpessoais e na interpretação de comunicações não-verbais. As aulas de Educação Física constituem-se em locais privilegiados, para o professor desenvolver hábitos, atitudes e valores - objetivos da área afetiva - que contribuem para a formação de um cidadão. Ao professor de Educação Física, dadas às características das atividades que desenvolve, é facilitado atender às diferenças individuais dos alunos e oferecer uma atmosfera social que estimule a cooperação, a segurança, a criatividade e a auto-estima.*”

Segundo Bento (1991), o ensinar na Educação Física e no esporte, não deve se caracterizar numa simples transmissão de conhecimento ou imitação de gestos, mas, sim,

deve ser entendido como uma prática pedagógica que leve em conta o sujeito, o seu contexto. O educando deve ser instigado a aprender esportes, por meio de uma pedagogia desafiante, que possibilite uma busca pelo superar-se; o esporte há de ser uma atividade instauradora e promotora de valores.

Os sistemas sociais, como um todo, e os diferentes sistemas sociais em particular, desenvolvem-se a partir de uma ordem dominante de valores ou de diferentes valores ao longo de nossas vidas; valores, estes, que derivam do tipo e das características comunicacionais de cada agrupamento pertinente ao "sistema-mundo". Portanto, podemos pensar que se todo e qualquer processo de formação do ser humano visa o aperfeiçoamento ou o desenvolvimento pleno, não somente das crianças e jovens, mas do grupo e da sociedade como um todo, então, o esporte enquanto atividade social, desenvolvido à luz de princípios e referenciado por objetivos, também se vê pautado por um quadro de valores, de mensagens e de comunicações que serão importantes para a prática pedagógica (QUEIRÓS, 2004).

O esporte na escola assume os códigos das instituições esportivas resumidos em “princípio do rendimento atlético-desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo e sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas” (BRACHT, 1992, p.22), o que quer dizer que nas escolas não se tem professor, mas sim treinadores, o que acaba resultando em alunos/atletas e não formando cidadãos.

## **2.2 ABORDAGEM METODOLÓGICA**

### **2.2.1 TIPO DE ESTUDO, NATUREZA E POPULAÇÃO**

Feitas a revisão da literatura acerca do trabalho em questão parto agora para definição do caráter do estudo. Por não encontrar na literatura pesquisas que podem caracterizar mais meu trabalho, sigo o caminho que esta será uma pesquisa exploratória. Segundo ELISA PEREIRA GONSALVES (2007), pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominado “pesquisa base”, pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema.

Essas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Tem um planejamento bem flexível possibilitando considerar os mais variados aspectos referentes à pesquisa. Esse tipo de pesquisa envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências com o problema pesquisado e análise de exemplos que “estimulem a compreensão”. (GIL, 1991).

Definido o tipo de estudo para essa pesquisa, parto para a sua natureza que fazendo a ligação com o tipo, opto por uma pesquisa de caráter qualitativo. Essa preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão a suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica. (GONSALEZ, 2007). Segundo TRIVIÑOS (2001), onde ele diz que esse tipo de pesquisa trata a população do estudo apenas como uma referência. Tal fato não quer dizer que essa informação “quantitativa” da população é desprezada, apenas não existe uma profunda preocupação com a delimitação exata do número de participantes da amostra na pesquisa qualitativa como existe na quantitativa. Na pesquisa qualitativa não há um interesse quanto à quantificação dos resultados e se estabelece algum tipo de medida dos fenômenos, pois essa quantificação é considerada apenas como auxiliar dos processos de descrição e de interpretação dos traços que apresenta a informação alcançada.

A população para meu estudo será os alunos ingressos (1ª fase Licenciatura e Bacharelado) e egressos (7ª fase Licenciatura e Bacharelado) do curso de Educação Física do CDS/UFSC. Essa delimitação se dá porque esses estudantes estão concluindo o curso e já passaram por algumas disciplinas<sup>29</sup> que tem caráter sociológico, podendo dar aos alunos base para passarem do senso comum a uma opinião baseada em fundamentos teóricos.

### **2.2.2 COLETA E ANÁLISE DE DADOS**

Para esse tipo de estudo a literatura sugere algumas formas. Opto pelo questionário que será mais útil para a minha pesquisa. Em relação ao questionário será do tipo aberto que é mais utilizado “quando o investigador pretende alcançar, seguindo os objetivos do estudo, idéias que possam orientar o emprego de outros instrumentos, como a entrevista semi-estruturada, a observação semi-dirigida, o grupo de discussão e a observação participante” (TRIVIÑOS, 2001). Esse questionário geralmente é usado nos momentos

---

<sup>29</sup> Sociologia, Antropologia Cultural, Princípio de conduta profissional (ética), Filosofia, Fundamentos Humanísticos.

iniciais da pesquisa onde o pesquisador deseja saber informações variadas dos sujeitos da pesquisa.

Para ser de mais valia esse questionário não deve conter muitas questões, para que os entrevistados tenham a possibilidade de discorrer toda a sua opinião sobre o tema, dando ao entrevistador dados mais importantes. O grupo que será investigado possui um número considerável de alunos o que vai me possibilitar ter muitos dados para discorrer a análise. Quanto à análise de dados, levando em conta que se trata de um estudo de caráter qualitativo, Triviños fala que para se trabalhar os dados obtidos dentro dessa perspectiva qualitativa têm-se as seguintes tendências teóricas: Fenomenológicas, Marxista, Hermenêuticas e Positivistas

Os estudos das tendências fenomenológicas procuram exclusivamente descrever e interpretar o fenômeno; a positivista pretende descrever e explicar o fenômeno em foco. Já a hermenêutica procura essencialmente compreender as dimensões do fenômeno, e a marxista quando se apóia na hermenêutica se propõe a descrever, explicar, interpretar e compreender o fenômeno que é a causa da preocupação. (TRIVIÑOS, 2001). Baseando-se na literatura e nos fatos que pretendo investigar, vou usar a descrição fenomenológica, buscando descrever os fatos e interpretá-los de acordo com as experiências de cada sujeito, onde a sua experiência vivida será de grande importância. Sobre isso Triviños (2001) diz:

*“Nenhuma teoria que se aplica nas ciências sociais fica sem vincular o fenômeno escolhido com o meio, ou conjunto de fenômenos do qual se tirou o fenômeno que é objeto de interesse.”*

Definidos o tipo e o caráter do estudo, chega à hora de ir a campo e fazer a primeira aproximação com o grupo de estudo em questão para a coleta dos dados. Na pesquisa qualitativa o pesquisador é o instrumento de coleta e análise dos dados. Existem alguns problemas quanto à coleta e análise dos dados na pesquisa qualitativa, essa tarefa é extremamente trabalhosa e individual. Muita energia faz-se necessária para tornar os dados comparáveis. Além disso, costumam serem grandes as exigências de tempo necessário para registrar os dados, organizá-los e fazer a análise. O problema mais sério parece residir no fato de que os métodos para análise e as convenções a empregar não são bem estabelecidos, ao contrário do que ocorre na pesquisa quantitativa.

BRADLEY (1993) recomenda o uso de quatro critérios para atenuá-los: conferir a credibilidade do material investigado, zelar pela fidelidade no processo de transcrição que antecede a análise, considerar os elementos que compõe o contexto e assegurar a possibilidade de confirmar posteriormente os dados pesquisados. KIRK & MILLER

(1986), consideram que cumprir sequenciada e integralmente as fases de projeto de pesquisa, coleta de dados, análise e documentação contribui para tornar mais confiáveis os resultados do estudo qualitativo.

A coleta de dados foi realizada em dois dias com os alunos do CDS, o questionário foi realizado de modo individual, onde eles puderam descrever sobre as suas experiências ao longo das Copas do Mundo de Futebol em que presenciaram ou recordavam. Estavam livres para expressar os sentimentos durante o evento, a opinião sobre patriotismo, razões sociais sobre o “patriotismo de época”, os motivos porque somente o futebol gera esse fenômeno social com os brasileiros.

Após todos os dados reunidos, chega à fase de cruzar as informações para que o pesquisador possa realizar da melhor forma possível a análise e descrever os resultados obtidos. Esses dados serão descritos logo a seguir.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez que essas informações foram cruzadas e analisadas, o estudo em questão pode ter a sua continuidade, pois algumas das perguntas levantadas ao longo do trabalho podem ser respondidas. Para o meu auxílio nesse trabalho não posso descartar o estudo quantitativo, porque serve como ajuda para desenvolver algumas questões do estudo, como já foi descrito anteriormente.

Antes de responder a pergunta chave dessa pesquisa, procurei saber dos alunos se eles se consideram patriotas e qual a sua definição de patriotismo. Baseando-se em dados quantitativos os alunos estão divididos quanto à relação de ser ou não patriotas (Figura 1). Comparando os dados obtidos com os alunos de 7ª fase com os da 1ª fase, os primeiros há uma igualdade em ser ou não patriotas, já nos alunos da 1ª fase eles são em sua maioria patriotas. (Figura 2).



Figura 1. Referente à segunda pergunta do questionário, em que os alunos se consideram ou não patriotas.

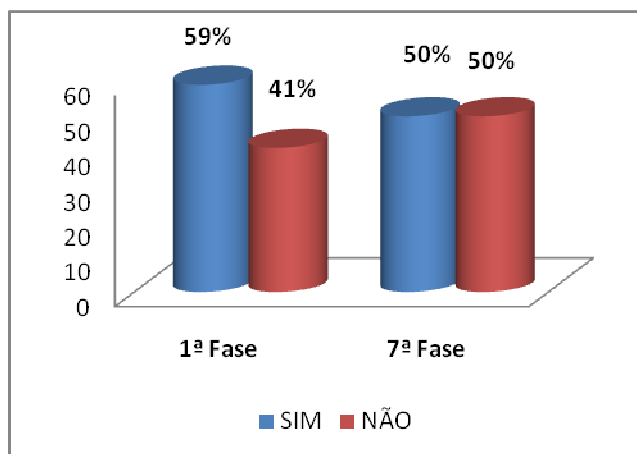


Figura 2. Gráfico onde foi dividido por fases se os alunos se consideram ou não patriotas.

Quanto à definição de patriotismo dos próprios alunos posso dizer que ela se assemelha com a que foi descrita no início do trabalho, podendo destacar uma definição dos alunos da primeira fase que diz: *“Patriotismo é o sentimento de identidade e amor incondicional à pátria (Estado+País+Nação), como cultura e multiplicidade de valores”*. Já os alunos da sétima fase foram mais superficiais quanto à definição, mas uma em especial se destacou, pois percebe-se bem a diferença de opinião entre um aluno ingresso (senso comum) e outro egresso do curso (senso crítico). Que diz o seguinte sobre patriotismo: *“Sentimento de Ufanismo e Sensacionalismo, o qual provoca nas pessoas a sensação de idolatrar seu país.”*

A resposta desse aluno me intrigou quanto à palavra Ufanismo. Segundo a enciclopédia WIKIPÉDIA, *ufanismo significa a vanglória de um grupo arrogando a si méritos extraordinários. Portanto, no caso do Brasil, pode-se afirmar que o ufanismo é a atitude ou posição tomada por determinados grupos que enaltecem o potencial brasileiro, suas belezas naturais, riquezas e potenciais*. O presidente Médici usou a Copa do Mundo de 1970 para um grande ufanismo nacional. Uma vitória significaria um grande passo na sociedade, maior orgulho e honra. E assim foi, a vitória do Brasil na Copa de 70 alcançou o objetivo de trazer esse grande sentimento ao país. Como prova, o hino "Pra Frente Brasil" (usado até hoje), que marcou os anos 70, falava sobre o fato do título alcançado levar o Brasil para frente, promovendo a união do país. Posso dizer que também se trata de uma forma como a “Política do Pão e Circo”, usada na Roma antiga para entretenimento do povo, onde eles eram levados para dentro de estádios para assistirem grandes espetáculos e assim esqueciam dos problemas sociais. Isso é o que acontece a cada quatro anos em nosso



País, onde o povo esquece dos seus problemas e se volta a seleção de futebol, uma espécie de “fuga da realidade”. Nessa mesma época que vemos os “patriotas”, levados por uma onda de momento, uma alienação, pintando suas casas, ruas, hasteando bandeiras, demonstrando um amor incondicional pelo País, nunca visto em outro momento.

O futebol é um fato social da maior importância na cultura brasileira contemporânea, estando intimamente ligado ao que seria uma “identidade brasileira”. Definições do Brasil como “o país do futebol” são frequentes no discurso de senso comum e em diversos produtos midiáticos, como crônicas esportivas e anúncios publicitários (GASTALDO, 2002).

Passando a pergunta chave desse trabalho, onde toda essa pesquisa foi realizada com o intuito de saber a opinião dos estudantes do curso de Educação Física sobre, se realmente os brasileiros são patriotas somente em época de Copa do Mundo de Futebol, e quais os motivos para que isso aconteça. Segundo a visão dos estudantes, o brasileiro é sim patriota somente em época de Copa do Mundo de Futebol (Figura 3), conforme as experiências que eles tiveram ao longo das suas vidas, comprovando a minha hipótese de que esse fenômeno social aconteça somente nessa época. Os fatores que levam o povo brasileiro a sofrer com esse tal “patriotismo de época”, citado pelos alunos foram: que somos o “país do futebol”, mídia, desvalorização dos demais esportes, espetacularização do futebol, paixão nacional, cultura do futebol, modismo, representação com os atletas, política do “pão e circo”, orgulho nacional, fuga da realidade, alienação e destaque no cenário mundial.



Figura 3. Gráfico mostrando o resultado da quinta pergunta do questionário, onde foi perguntado aos alunos se os brasileiros são patriotas somente em época de Copa do Mundo de Futebol.

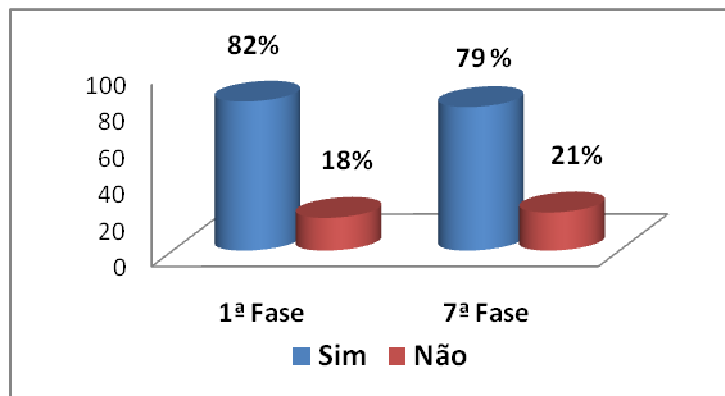


Figura 4. Mostrando a divisão por turmas, sobre se o povo brasileiro é ou não "patriota" somente em Copa do Mundo de Futebol

O principal fator colocado pelos alunos é a mídia. O interesse social pelo futebol no Brasil durante a Copa é apropriado pela mídia, que, em princípio, atende a uma “demanda social” pré-existente, produzindo peças de comunicação e criando um circuito de produção e consumo motivado pelo evento, no qual se inserem, além da cobertura dos jogos, cadernos especiais nos jornais e revistas, longas matérias nos telejornais, programas diversos com a temática da Copa, anúncios publicitários, etc, colaborando de modo ativo para definir a realidade nos termos ideológicos do Brasil como "o país do futebol". Para Neumann (1998) o futebol mostra ir além dos limites do campo. Num país que tem tradição neste esporte, investir em patrocínio cria uma imagem ativa, dinâmica e rende bons lucros. O evento em si acaba emprestando para essas empresas esse conceito. A importância social desse esporte é enfatizada como forma de sustentá-lo entre os campos sociais.

Relacionando a parte literária com a resposta dos alunos, posso citar uma de um aluno da sétima fase que diz: “ *a mídia divulga diariamente os bastidores do futebol, e resume o restante da “realidade”, as notícias sobre catástrofes e violência, sendo o único fator “positivo” para o “senso comum”, o esporte, em especial o futebol. As pessoas tem essa visão de senso comum, moldada pela grande mídia, e por não terem acesso a meios alternativos de mídia mantém uma visão alienada, limitada de sua atuação como cidadão*”.

O futebol é um espetáculo quase que totalmente ritualizado, pois o triunfo futebolístico, bem como o seu oposto - a derrota, exigem reafirmações constantes. Além disso, em última instância, o futebol exige uma separação da realidade cotidiana, posto que a conduta agressiva que ele engendra não pode ser tolerada cotidianamente. Existe ainda,

no futebol, a idéia de tempo cíclico, pois ele mostra o "mundo" heterogêneo como uma "realidade momentânea homogênea" (DAMATTA, 1982). Essa idéia de tempo cíclico que está presente no futebol faz com que a sucessão de seus torneios tornem-se verdadeiros calendários nas sociedades de massas. Assim, o futebol acaba por ser uma "região" separada das rotinas diárias, mesmo para o torcedor televisivo, permitindo que tudo aquilo definido pelo drama seja delimitado temporal e espacialmente, e "essa demarcação das ações dramáticas faz com que se possam controlar as repercussões sociais que porventura venham a ocorrer dentro do espaço social onde o drama se realiza". (DAMATTA, 1982)

O futebol no Brasil está carregado de valores sociais que fazem com que este esporte esteja apto a integrar amplas parcelas da sociedade brasileira, via identificação nacional. Trata-se de um fenômeno social onde uma grande parte da população brasileira, sobretudo masculina, pratica e/ou assiste regularmente partidas de futebol. Além de ser um esporte que pode ser praticado (precarosamente) com o mínimo de condições materiais, o futebol goza de um tratamento privilegiado por parte dos meios de comunicação de massa, o que faz com que ele seja praticado e assistido em todo país, tornando-se uma das principais manifestações coletivas do país. Os alunos tiveram que responder se acompanhavam a Copa do Mundo (Figura 5), para saber se as suas experiências com o evento possuía alguma interferência de algum meio de comunicação. Segundo FLORES (1982), existe também uma identificação de grande parte do público com a história individual dos atletas, especialmente dos setores sociais menos privilegiados, que fornecem a maioria dos jogadores.

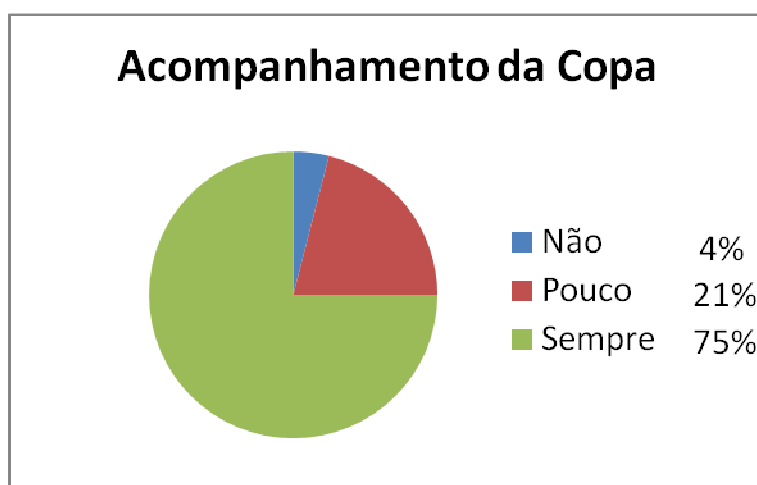


Figura 5. Gráfico mostrando quanto os alunos acompanham a Copa do Mundo de Futebol. Terceira pergunta do questionário.

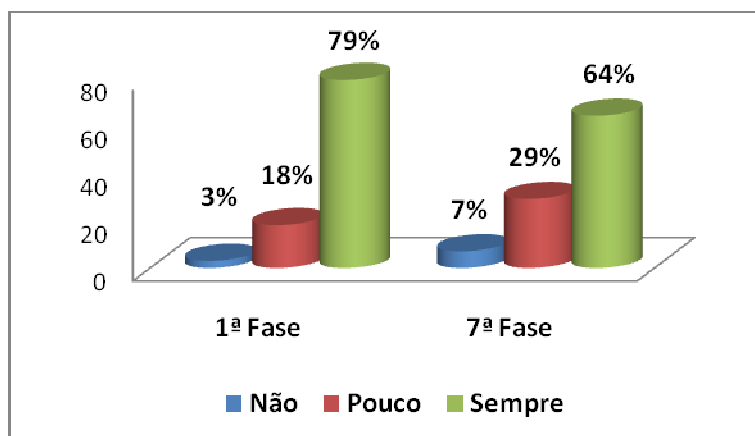


Figura 6. Mostrando o quanto os alunos acompanham a Copa do Mundo

O ponto de identificação com os jogadores que lá estão nos representando, foi outro ponto citado pelos alunos, como um dos fatores que levam o brasileiro a ser patriota em época de Copa do Mundo de Futebol como diz o depoimento de um aluno: “*O povo identifica os jogadores como seus representantes, e se vê representado em um esporte que todos praticam sem diferenciação de classes*”. Conforme Ronaldo Helal (1994), “um fenômeno de massa não consegue se sustentar sem a presença de ‘heróis’, ‘estrelas’, ‘ídolos’. São eles que levam as pessoas a se identificarem com aquele evento. Eles representam a nossa comunidade, país e nação, seus anseios, temores e sonhos de uma forma gloriosa, frequentemente sobrepujando os limites da condição humana. Sem ‘ídolos’, ‘heróis’ e ‘estrelas’ não há futebol como uma forma cultural singular da sociedade brasileira”, como também de qualquer outra sociedade. Com relação a essa dramatização do futebol no Brasil, DAMATTA afirma que “trata-se da reificação que o jogo permite, quando deixa que uma entidade abstrata como um ‘país’ ou um ‘povo’ seja experimentada como algo visível, concreto, determinado. Como uma equipe que sofre, vibra e vence adversários. Como um time que reage aos nossos incentivos positivos e negativos. (...) É pelo futebol, então, que se permite à massa uma certa intimidade com os símbolos nacionais” (DAMATTA, 1982).

O trabalho foi de grande valia para o pesquisador, ainda mais se tratando de um trabalho exploratório, como uma primeira aproximação do tema. Esse fenômeno social que podemos observar no nosso dia a dia, ainda tem muito o que ser explorado, ficando a cargo de futuros trabalhos, de novos pesquisadores, uma vez que muitas hipóteses ainda serão levantadas. Uma hipótese para os próximos pesquisadores seria acompanhar essa turma de alunos ingressos, e fazer a mesma coleta quando eles estiverem se formando, para ver se a

sua opinião sobre o tema é a mesma. O que deixa esse trabalho com uma grande valia, além de toda a pesquisa realizada, é que foi feito por acaso justamente em uma época de Copa do Mundo, e podemos ver claramente esse esse sentimento de patriotismo presente no cotidiano.

## 5. REFERÊNCIAS

BENTO, Jorge Olímpio. *Novas motivações, modelos e concepções para a prática desportiva*. In: BENTO, Jorge Olímpio (Org.). *O desporto do século XXI: os novos desafios*. 1991, p. 17-34.

BRACHT, Valter. *Educação física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.

CANDIDO, Antonio. "A Revolução de 30 e a Cultura". *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, v. 2, no. 4, abril 1984.

CAPRARO, André Mendes. *O futebol, nacionalismo e tradição. Observações a partir de alguns escritos marxistas*, Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 8 - N° 47 - Abril de 2002.

CORREA, Floriano Peixoto. *Grandezas e Misérias do Nosso Futebol*. Flores & Mano, 1993.

COSTA, Marcelo Gomes - *Ginástica localizada*. Ed. Sprint, 2 edição, RJ1998.

DAMATTA, Roberto - 1982 - *Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro*. In DAMATTA, Roberto e outros - *Universo do Futebol: Esporte e sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.

DUARTE, Orlando. *Todas as Copas do Mundo*. São Paulo: Editora Makron Books, 1994.

FERSTERSEIFER, Paulo Evaldo e GONZÁLEZ, Fernando Jaime. *Dicionário crítico da Educação Física*. Ijuí/RS: EdUnijui, 2005.

FLORENTINO, José A. *Qual o verdadeiro compromisso assumido? Zero Hora*, Porto Alegre, 10 jun. 2007b. Artigo, p. 20.

FLORES, Luiz Felipe B. N. - 1982 - Na Zona do Agrião. *Algumas Mensagens Ideológicas do Futebol*. In DaMATTA, Roberto e outros - *Universo do Futebol: Esporte e sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.

FRANZINI, Fábio. "Futebol, identidade e cidadania no Brasil dos anos 30". En: *XIX Simpósio de ANPUH*, Belo Horizonte, 1997.

FRANZINI, Fabio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. DP&A editora, 2003.

GASTALDO, E. L. *Pátria, Chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Paulo: AnnaBlume, 2002. v. 1. 229 p.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOLSALVES, Elisa Pereira. *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

GURTNER, Christian. *O falso patriota (ou idiota)*. Disponível em <http://escribacafe.com>, acesso em 04 de maio de 2008.

HELAL, Ronaldo - 1994 - *Estádios Vazios, Ausência de Ídolos: Notas para uma Reflexão sobre a Crise do Futebol Brasileiro*. In *Futebol: 100 Anos de Paixão Brasileira (Pesquisa de Campo)*, no. 0. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/UERJ.

HELAL, Ronaldo. *El ocaso de "La patria de botines": periodismo, fútbol e identidad nacional en El mundial de 2002*. Buenos Aires, 2005. Disponível em [www.efdeportes.com/](http://www.efdeportes.com/)

JUNIOR, Hilário Franco, *A dança dos Deuses*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007

KIRK, Jerome; MILLER, Marc L., *Reliability and validity in qualitative research*, Beverly Hills: Sage, 1986.

LAVILLE, Christian. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte; EdUFMG, 1999.

MÁXIMO, João. *Memórias do futebol brasileiro*. Estud. av. v.13, n.37. São Paulo, Sept./Dec. 1999

MONTEIRO, R. e GARCIA, A. *Educação Física: história, política e atualidade incerta*. Buenos Aires, ano 10, n. 93, fevereiro de 2006. Disponível em [www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com).

MURAD, Mauricio. *Dos pés à cabeça*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de C. Negreiros (Brasil), *O futebol e identidade nacional: o caso da copa de 1938*, Disponível em <http://efdeportes.com>. Acesso em 04 de maio de 2008.

NEUMANN, Claudia Ivane. *Evento extra-campo: campanhas publicitárias associam produtos à Copa do Mundo*. In: *Sui Generis* n. 8, São Leopoldo, 1998.

PEREIRA, Leonardo Affonso de. *Footballmania: uma história social no futebol do Rio de Janeiro: 1902-1938*. Editora Nova Fronteira, 2000.

PETRY, Robson Alexandre. *Histórias e fatos das Copas do Mundo de Futebol do Século XX*. Florianópolis, 1999. Licenciatura em Educação Física.

QUEIRÓS, Paula. *Por um novo enquadramento axiológico na participação de crianças e jovens no desporto*. In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, António

RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 26-27.

RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ROITMAN, Riva. *A dimensão político-pedagógica da Educação Física*. In: VARGAS, Angelo Luis. *Desporto e tramas sociais*. Rio de Janeiro: Sprint, 2001, p. 145-153.

SALDANHA, Ricardo Pedrozo. *Motivação à prática regular de atividades físicas: um estudo atletas de basquetebol infanto-juvenis*. 2007. 72f. *Projeto de Dissertação* (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2007.

SAVIANI, Dermeval. *Educação do senso-comum à Consciência filosófica*. São Paulo: Cortez Editora/Autores Associados, 2004.

SOARES, Antônio Jorge. LOVISOLO, Hugo; HELAL Ronaldo. *Invenção do país do futebol, a Mídia, Raça e Idolatria*. Mauad, 2001

SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, Raça e Nacionalidade: releitura da história oficial - Tesis de Doctorado defendida en noviembre de 1998 en el Programa de Pos-Graduación en Educación Física de la Universidad Gama Filho*.

SOARES, Jô; NOGUEIRA, Armando; MUYLAERT, Roberto. *As copas que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

TRIVIÑOS, A. N. da S. *Bases teórico-metodológicas preliminares da pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Caderno de pesquisa Riter dos Reis. V.4, Nov. 2001. Porto Alegre: Faculdades Integradas Riter dos Reis, 2001.

TUBINO, Manoel. *Educação Física e o Esporte do Ocidente no Século XX*. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, Vol. 1, n. 2, p. 99-100. julho/dezembro, 2005.

VAZ, Alexandre Fernandez. *Dos fenômenos sociais e suas ambigüidades: Comentários de Theodor W. Adorno sobre o Esporte*. In: CONBRACE, 11, 1999, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 1999. p. 1183-1190.

VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: EdUFRJ/Jorge Zahar Editor, 1995.

VIEGEL, A. *O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional*”, In: Damatta, R. (Org), *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Patriotismo>, acesso em 03 de maio de 2008.

Disponível em: <http://fifa.com>, acesso em 30 de abril de 2008.

Revista eletrônica E-learning. Disponível em <http://pt.shvoong.com/books/1797238-participa%C3%A7%C3%A3o-da-sele%C3%A7%C3%A3o-brasileira-em/>, acesso em 1 de julho de 2008.



## 4. ANEXOS

### 4.1 QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA



#### Questionário para Trabalho de Conclusão de Curso

Acadêmico: Lorenzo M. Busanello

Assunto: Patriotismo em época de Copa do Mundo de Futebol

Fase:  Bacharel  Licenciatura

Idade:  M  F

1) Qual a sua definição de Patriotismo?

---

---

2) Você se considera patriota?

SIM  NÃO

3) Você acompanha a Copa do Mundo de Futebol?

NÃO  POUCO  SEMPRE

4) Qual o seu(s) sentimento(s) durante a Copa do Mundo de Futebol?

---

---

5) Na sua opinião o povo brasileiro é “patriota” somente em época de Copa do Mundo de Futebol?

SIM  NÃO

6) Existe alguma razão social para que o brasileiro seja patriota somente em época de Copa do Mundo de Futebol? Quais?

---

---

7) Qual a sua opinião sobre esses “patriotas de época”?

---

---

8) Porque os demais esportes não têm essa repercussão de “patriotismo”?

---

---